



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUANA BITTENCOURT GOMES

**“ILHA DE BRANCAS DUNAS”: História e Memória do bairro Tatus em Ilha Grande
do Piauí (1975 - 2015)**

**PARNAÍBA
2015**

LUANA BITTENCOURT GOMES

“ILHA DE BRANCAS DUNAS”: História e Memória do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí (1975 - 2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Dr. André Aguiar Nogueira.

**PARNAÍBA
2015**

G833i

Gomes, Luana Bittencourt.

“Ilha de Brancas Dunas”: história e memória do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí (1975 – 2015) / Luana Bittencourt Gomes - Parnaíba: UESPI, 2015.

53 f.

Orientador: Dr. André Aguiar Nogueira

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2015.

1. Memória 2. História 3. Cidade I. Nogueira, André Aguiar II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 981.063

LUANA BITTENCOURT GOMES

“ILHA DE BRANCAS DUNAS”: História e Memória do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí (1975 - 2015)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Aguiar Nogueira – Orientador

Profa. Ma. Maria Dalva Fontenele Cerqueira

Prof. Me. João Carlos de Freitas Borges

Dedico a Deus, incentivador maior, a minha mãe Lucía, meu pai Francimar, minha irmã Luete, ao meu companheiro Valdinar e a todos que me ajudaram na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. À minha família que sempre esteve do meu lado e ao meu namorado e companheiro. À universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela por onde hoje vislumbro um horizonte superior.

Ao meu orientador André, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas orientações, correções e incentivos. Agradeço a todos os professores por terem proporcionado o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender, por tanto a esses incentivadores os meus eternos agradecimentos. Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Obrigada à minha irmã, que mesmo estando longe me incentivou, para me dedicar e não desistir do estudo superior e sempre me fazendo entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Meus agradecimentos aos amigos e grandes companheiros de curso, Iralice, Andrea, Elen, Videlina, Mariza, Otacilio, Nazinha, e em especial ao Pedro que sempre me ajudou durante o processo da pesquisa, sendo esses irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que irão continuar presentes em minha vida com certeza. O muito obrigada também a Raissa, a Livia e ao Luciano.

Enfim a todos que de forma direta ou indireta, colaboraram para a realização desse trabalho, muito obrigada.

A natureza é sábia e justa. O vento sacode as
árvores, move os galhos, para que todas as
folhas tenham o seu momento de ver o sol.

(Humberto de Campos)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender a dinâmica do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí. O trabalho é centrado principalmente, na década de 1975 a 2015, onde procura-se analisar as vivências dos moradores do bairro e as mudanças e permanências ocorridas na localidade, colocando em evidência os episódios ocorridos nesse período, em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Problematizando como as pessoas se veem nesse lugar enquanto pertencentes a um espaço que enfrenta sérios problemas de ordem ambiental, no caso as dunas do Morro Branco. Fazendo ligação entre fontes escritas e orais, procura entender a história do bairro por meio das transformações ocorridas.

PALAVRAS – CHAVE: História; Cidade; Memória; Bairro Tatus.

ABSTRACT

This research aims to understand the dynamics of Tatus neighborhood of the Big Island of Piauí. The work is centered mainly in the decade 1975-2015, which seeks to analyze the experiences of residents of the neighborhood and the changes and continuities that have taken place in the town, highlighting the episodes occurred in that period in its social, political, economic and cultural. Questioning how people see this place as belonging to a space facing serious problems to the environment, if the White Morro Dunes. Making connection between written and oral sources, seeks to understand the history of the neighborhood through the transformations occurred.

KEYWORDS: History; City; Memory; Tatus neighborhood.

RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Localização do Município de Ilha Grande do Piauí	17
Figura 02: Mapa dos bairros	18
Figura 03: Vista aérea do bairro Tatus em Ilha Grande – PI.....	32
Figura 04: Tatu Peba	33
Figura 05: Capela de São Pedro	40
Figura 06: Porto dos Tatus com a construção da estrada nos anos 1980	42
Figura 07: Porto dos Tatus no ano de 2012.....	44
Figura 08: Área com maior proximidade das dunas em Tatus no ano de 2014	46
Figura 09: Placa do Projeto de Contenção das Dunas.....	50
Figura 10: Manifesto para continuação das demais etapas do Projeto de Contenção das dunas no ano de 2014	52

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APA – Área de Preservação Ambiental do Delta do Parnaíba

CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba

CONSPLAN - Consultoria e Planejamento

PT - Partido dos Trabalhadores

SEMAR – Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A CIDADE DE ILHA GRANDE DO PIAUÍ: ESPAÇO DE SABERES E VIVÊNCIAS.....	14
1.1 Os caminhos históricos de Ilha Grande do Piauí.....	17
1.2 A emancipação da Ilha Grande do Piauí	24
2.O BAIRRO TATUS: ESPAÇO DE MEMÓRIAS ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	28
2.1 O bairro Tatus e sua história de povoamento	30
2.2 Um tempo de trabalho e fartura	35
2.3 Transformações ocorridas no bairro Tatus	38
3. AS DUNAS DO MORRO BRANCO: UMA BELEZA QUE ASSUSTA	46
3.1 Desmatamento uma ação inconsciente com consequências.....	47
3.2 Um projeto para a contenção das dunas.....	50
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS.....	59

INTRODUÇÃO

O objeto em estudo é algo bem significativo e que sempre despertou o meu interesse. No mais existe um componente afetivo em relação ao local, pois sou moradora do lugar em estudo, o bairro Tatus, situado no município de Ilha Grande do Piauí, este pertencente a um espaço que encontra-se ameaçado de não mais existir, pois aos poucos está sendo soterrado pelas dunas do Morro Branco. Daí a escolha por esse bairro e não por outro. Um objeto até então noticiado, mas com carência em seus estudos, principalmente em relação aos seus fatos históricos.

As memórias dos habitantes deste bairro e suas vivências diárias são uma temática pouco estudada nos escassos trabalhos encontrados; por isso, houve dificuldade em termos de pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Portanto, procurando apoio nas narrativas orais, buscou-se reconstruir a história deste espaço, examinando o porque, quando, como, onde e através de quais mecanismos as pessoas constroem e reconstróem suas experiências sociais.

A pesquisa tem por objetivo, analisar as vivências das pessoas do povoado, as mudanças e permanências ocorridas, o processo de “crescimento” do bairro em termos de urbanização, aumento populacional, sua importância na região. Busca também entender como as pessoas que vivem neste lugar se veem, enquanto moradores pertencentes a um espaço de afetividades, conflitos e de sociabilidades.

A análise desta pesquisa teve como base o recorte temporal a partir da década de 1975, pois de acordo com as narrativas dos colaboradores, o desenvolvimento do local começou nesse período, tanto ao que se refere a estrutura física como a populacional e social, sendo assim, o estudo aborda os principais fatos que ocorreram durante esse momento de transição no bairro Tatus de 1975 e se estende até 2015, embora se faça recuos que antecedem o recorte de 1975, pois ao longo das narrativas dos colaboradores, percebeu-se experiências ligadas com momentos de antecedência no que diz respeito a história de povoamento e como também a certos momentos que estamos vivendo. No entanto suas falas sempre se predominava o tempo passado.

Neste espaço de estudo, o bairro Tatus, situado na cidade de Ilha Grande do Piauí, encontra-se em um problema natural, resposta da natureza aos danos que fizeram contra ela; as dunas móveis que ameaçam soterrar todo o povoado em poucos anos, comprometendo não só as moradias, mas o rio e a forma de trabalho de quem depende dos meios naturais para a

sobrevivência. A população local aos poucos está saindo para outros lugares, pois o grande amontoado de areia cada vez mais se aproxima, algumas pessoas inclusive já tiveram suas casas totalmente cobertas.

A metodologia utilizada foi a História de vida. Problematizando a memória dos participantes, que ajudaram a compor o trabalho em questão e que em suas narrativas demonstraram sentimentos de alegria, saudade, frustração e tristeza, uns com empolgação ao falar e outros nem tanto, ainda meio acanhados.

A partir da escolha e definição do objeto a ser pesquisado, começamos a construir uma rede de entrevistas. Ao longo do trabalho foram realizadas cinco entrevistas individuais com pessoas diferentes, homens e mulheres, sendo um jovem e quatro idosos de dois bairros, tatus e um dos Morros da Mariana, bairro centro da Ilha. Pois todos os entrevistados tinham muito a contribuir com a pesquisa.

As fontes orais que narraram suas experiências com relação ao objeto de estudo, permitiram uma compreensão maior sobre como os moradores da localidade veem sua comunidade e como estabelecem as vivências diárias.

Outras fontes também foram utilizadas, como artigos científicos, o jornal Cidadania em Movimento de Ilha Grande do ano de 2014, o censo do IBGE, fotos sobre a localidade e textos que tinham relação com a temática. Fontes que embasaram melhor a pesquisa, possibilitando a análise das mudanças que a região sofreu ao longo do tempo.

Esse trabalho foi distribuído em três capítulos. O primeiro tendo como título: A cidade de Ilha Grande do Piauí: Espaço de saberes e vivências, no qual abordamos uma discussão teórica em torno de conceitos sobre cidade. Em seguida demonstramos a localização da cidade de Ilha Grande, seu contexto histórico, bem como seu surgimento e povoamento, a rotina de vida dos moradores da região, a falta de assistência médica e social para a população e, por último, o processo de emancipação da cidade de Ilha Grande que era pertencente a Parnaíba até a década de 1990.

No segundo capítulo há uma abordagem sobre o bairro Tatus com uma rápida discursão sobre bairro e em seguida sua localização. É também colocada em questão a nomenclatura do povoado, onde se conhece duas versões pelo qual o local se chama Tatus, como também a vivência e estilo de vida dos moradores e as mudanças sociais, políticas, econômica e religiosas ocorridas no lugar a partir dos anos de 1975, finalizando com o Porto dos Tatus, um lugar de sociabilidades e muito importante no que diz respeito a economia de toda região inclusive a cidade vizinha Parnaíba. Pois é o ponto de chegada e partida de turistas

e pessoas residentes nas ilhas do Delta com suas mercadorias para serem comercializadas principalmente o caranguejo.

No terceiro e último capítulo discorreremos sobre as consequências das mudanças ambientais, assim, analisamos o crescimento populacional, o desmatamento, o avanço das dunas, como atualmente a população convive com esse problema, e quais são as medidas tomadas pelos moradores e pela associação do bairro para tentar conter as dunas.

1 A CIDADE DE ILHA GRANDE DO PIAUÍ: ESPAÇO DE SABERES E VIVÊNCIAS

*Em minha cidade existe sempre um mar.
Eu nado até onde eu posso chegar.
Eu chego a minha cidade, tão bonita como o mar.
Faz meus olhos brilhar.
Como meus olhos ver.
A cidade é só para brincar.¹*

As cidades são uma experiência antes de tudo visual, um lugar que apresenta significados acumulados, vivências, sentimentos, anseios, medos, tensões, exclusões e até mesmo conflitos e violência. Vidas e lembranças de momentos marcantes, espaços de brincadeiras de infância, com significados que remetem a memória histórica de quem viveu determinados fatos, sendo eles bons ou ruins.

São múltiplas as possibilidades de interpretação sobre a cidade. Diferentes caminhos se abrem quando se pretende investigar as formas de organização social no espaço urbano, construindo meios para compreender e explicar esse fenômeno multifacetado.

Os significados presentes no texto discutirão um pouco sobre o que vem a ser cidade, para os moradores de Ilha grande do Piauí. Para isso alguns autores entrarão em cena no diálogo sobre os conceitos de cidade, memória, lugar e espaço. A ideia de uma expressão de significação da vida humana coletiva, como parte de um produto do processo histórico vivenciado, faz parte desse entendimento.

A cidade pode ser visualizada como um espaço para vidas humanas e sua história pode ir se acumulando, sendo revelada ou velada pelos sujeitos. Mas, a cidade ainda pode ser pensada como um mundo construído diariamente por aqueles que a habitam. Ou como diz Pesavento:

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. (...) é sobretudo, uma materialidade erguida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma obra ou artefato. (...) é também sociabilidade ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas

¹ Maria Isabele Monteiro Bitencourt. Poema: O que tem minha cidade. P.22. IN. Silva, Valdecir Ricardo da. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Parnaíba. 2010.

de interação, ritos e festas, comportamentos e hábitos. [...] Cidades pressupõe a construção de um ethos, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano. (PESAVENTO, 2007, p.11).

A cidade de Ilha Grande do Piauí, um dos cenários desta pesquisa, onde o então bairro Tatus está inserido, um lugar que possui memórias e registros de uma vida. Um espaço criado por homens e mulheres que vivem o seu cotidiano em meio a vários fatores sociais, políticos, culturais e religiosos, num processo de sociabilidade coletiva buscando a sua sobrevivência. Um espaço construído e modificado por seres vivos e pela ação do tempo. Um lugar portador de registros da vida social humana, que se identifica com fatores culturais, com impressões, sentimentos, desejos e frustrações vividos no tempo e ainda com memórias cheias de significados que atravessam a sua história.

De acordo com Calvino (1990, p. 09-10):

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas de para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento, riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Uma cidade possui memória e sua forma mostra a possibilidade de se enxergar nelas o passado, na qual cada cidadão guarda lembranças, imagens e significados que se tornam marcantes e relevantes por várias razões em particular, experiências únicas que marcam sua trajetória de vida por esse espaço.

Aspectos esses, guardados individual e coletivamente, vividos no seu tempo, que determinam a construção de uma possível cidade invisível, composta de memórias que ficaram registradas. Assim através da memória como um fenômeno social, a cidade vai se montando e sendo ao mesmo tempo desmontada pelas pessoas, e em cada geração os sujeitos vão construindo em sua memória a cidade do seu tempo com suas experiências vividas.

As cidades e os espaços produzidos, proporcionam uma análise diferente, tanto para os que habitam e convivem nesses lugares, quanto para quem está de passagem, fazendo com que haja uma espécie de ligação entre espaço e memória. Segundo Raquel Rolnik (1998, p. 09), “a cidade guarda marcas de vários tempos e processos sociais no espaço urbano construído, materializando sua própria história como uma espécie de escrita no espaço”. A

cidade é antes de tudo uma realidade plural, de relações sociais, políticas, culturais e simbólicas.

Os diferentes sujeitos e grupos sociais se apropriam desse espaço, produzem experiências, representações, identidades, memórias e um imaginário sobre ele, que visam explicar como esses grupos sociais se constituem na cidade. Na Ilha Grande esse imaginário de cidade ainda está sendo construído, pois muitos, principalmente os mais velhos, não veem esse espaço como uma cidade, porque ainda há uma grande dependência em relação a Parnaíba em vários aspectos, como no comércio, saúde, educação, entre outros, que a jovem cidade não disponibiliza para a população, e para uma maioria, a verdadeira cidade é Parnaíba por possuir uma estrutura bem maior comparada a Ilha, pois essa recente cidade se desenvolve em passos lentos.

A cidade ainda pode ser problematizada como algo atrativo, que seduz homens, mulheres e suas histórias. Um espaço expressado por aqueles que o habitam e o sentem em seu cotidiano, possuidora de conflitos, desilusões e utopias que elaboram e tecem uma espécie de tecido da existência humana, é um território de subjetivação, onde a percepção é uma prática cultural.

Inseridos nesse espaço urbano, estão os bairros como um lugar dentro de um outro, um tipo de peça de um quebra-cabeça, que formam as cidades. E assim, como um espaço pequeno dentro de um outro maior, abordamos como área de estudo, o bairro Tatus, em alguns de seus aspectos em relação as práticas culturais, modos de viver, morar e de trabalhar dos habitantes deste bairro.

A Ilha Grande do Piauí possui nos aspectos naturais um dos seus fatores mais marcantes, que fica situado no litoral, é estimada como uma das cidades do Delta do Parnaíba. Nela situa-se também as dunas do Morro Branco, grande amontoado de areia que cerca praticamente toda a Ilha, e é considerado um de seus pontos turísticos, juntamente com o Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Pobres, no centro da cidade, que atrai muitos visitantes. Outro ponto também no centro, é a Casa das Rendeiras com as rendas de bilros muito apreciadas. Tem ainda o Porto dos Tatus, situado no local de grande circulação de pessoas e produtos para a comercialização, constituem um portal de entrada para o Delta com embarque e desembarque dos visitantes. Desse modo, a população local convive cada vez mais com a presença de estrangeiros. Por isso, sente-se ameaçada tanto pela natureza quanto pela ganância dos homens.

1.1 Os caminhos históricos de ilha grande do Piauí

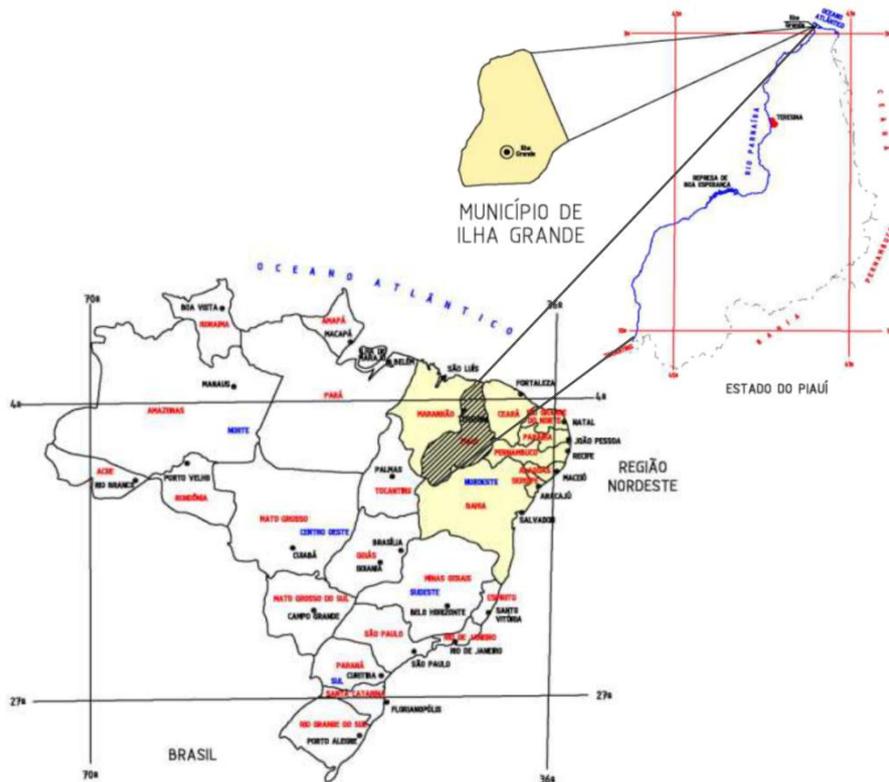


Figura 01: Localização do município de Ilha Grande do Piauí.

Fonte: Juciêr Vieira; 2009. Adaptado por Jailson Leocardio, 2014.

A atual Ilha Grande do Piauí é um município litorâneo que possui uma área em torno de 134, 318 km. Localizada na APA do Delta do Parnaíba. Durante muito tempo pertenceu à cidade de Parnaíba, tendo sua emancipação em 1994. Está localizada no extremo norte do estado Piauí, limitada a Norte com o Atlântico, a Leste e Sul com o município de Parnaíba e o Rio Igaracu e a Oeste com o estado do Maranhão. Situada a 10 km de Parnaíba e 340 da capital Teresina, faz parte da chamada microrregião do litoral piauiense. Possui uma população estimada em 9. 136 habitantes (IBGE, 2014).

De acordo com o livro Sociobio Diversidade da Ilha Grande de Santa Isabel, produzido pela Comissão Ilha Ativa, fundada no município em 2006, uma organização da sociedade civil , sem fins lucrativos. Toda a superfície da Ilha é chamada de Ilha Grande de Santa Isabel, uma ilha fluvial-marinha costeira e oceânica que sofre influência da maré, sua área litorânea corresponde a 18 km do litoral piauiense (praia Pedra do Sal e praia do Pontal ou Cotia) é a maior ilha do Delta do Parnaíba, que institucionalmente pertencem a dois

municípios: Ilha grande do Piauí e Parnaíba. Os bairros de maior densidade populacional são: Centro (Morros da Mariana), Cal, Tatus, Baixão e São Vicente de Paula, os pertencentes ao município de Ilha Grande. Na outra parte temos Paraíso, Vazantinha e Fazendinha, que pertencem a Parnaíba. A zona rural compõem as comunidades da Pedra do Sal (praia da região), Barro Vermelho, Labino, localizados no limite entre os municípios de Ilha Grande e Parnaíba. O mapa abaixo mostra a localização do Município de Ilha Grande do Piauí na região no estado do Piauí, com seus bairros:

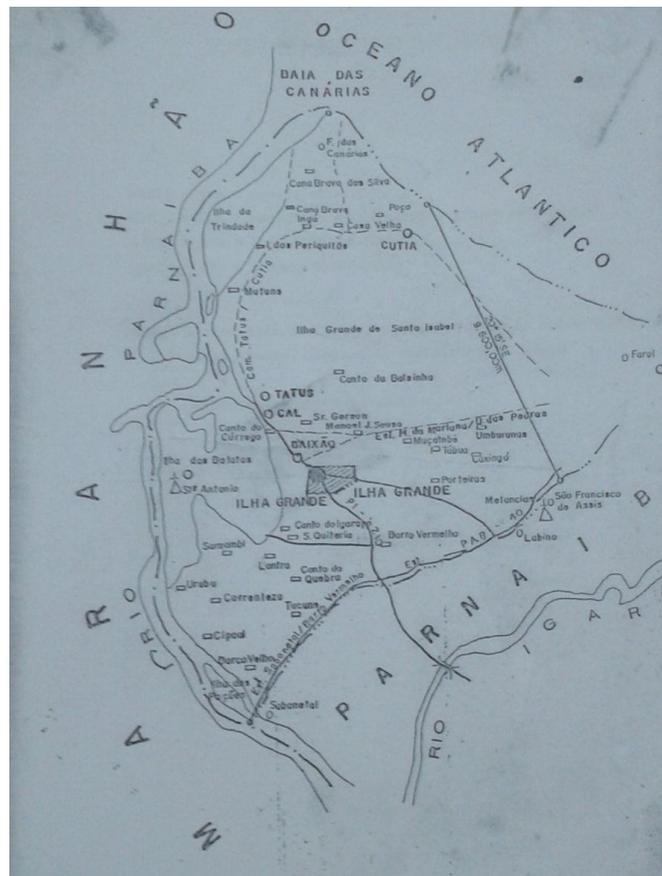


Figura 02: Mapa do Município de Ilha Grande do Piauí.
Fonte: Documento de José Osmar, 2002.

Como já citado antes, a Ilha Grande fica situada no Delta, um ecossistema que possui várias espécies de seres vivos e elementos minerais. Ao longo de sua história foi povoada por muitos indivíduos, alguns desses povos foram os índios Tremembés, que eram excelentes nadadores e ferozes guerreiros; negros e brancos; e mais tarde seus descendentes que

apropriaram-se da região e dos recursos naturais existentes. Em sua maioria os moradores ainda vivem da pesca, pecuária, agricultura e extrativismo vegetal e animal.

A respeito da Ilha Grande, como uma forma de conhecimento histórico sobre a localidade, em um texto, retirado do livro “Escrevendo sobre o lugar onde vivo” percebemos a cidade de Ilha Grande do Piauí antes da emancipação, como era o lugar e o modo de vida dos moradores.

Antigamente, Ilha Grande era um bairro de Parnaíba-PI e foi emancipado em 1994, passando a ser independente com o nome de Ilha Grande do Piauí. [...] Antes era simplesmente um povoado pacato, com poucas casas, eram longe umas das outras, perdida no matagal, não havia energia elétrica, era só na lamparina. Não tinha estrada, era areia e para chegar à Parnaíba tinha que ser caminhando horas e horas. Outro fato que chamava atenção eram as roupas das pessoas feitas de saco de açúcar e era tingido com mangue vermelho. [...] Depois de muitos anos, foi chegando mais gente, que vinha de outros estados, principalmente do Maranhão. O povo vivia da pesca, da agricultura e da pecuária, muito existentes ainda. Hoje a pequena cidade tem seus recursos oriundos do ministério e com isso procura se desenvolver.²

Ao longo do tempo, depois da emancipação a realidade da jovem cidade foi mudando e ganhando uma outra roupagem em aspectos culturais, sociais e econômicos, as moradias antes de taipa agora são feitas de tijolos, foi construída a estrada de acesso do Tatus até Parnaíba, em grande parte com calçamento, foi instalada energia elétrica, a paisagem de matagal foi sendo substituída por casas, entre outras transformações que foram acontecendo e que ainda continuam com o passar dos anos.

Existem poucas fontes escritas sobre a história do município, mas um documento encontrado nas escolas municipais, e também na Câmara Municipal, tendo como título “Ilha Grande Histórico”, de autoria do professor José Osmar da Silva Filho, morador do lugar, escrito no ano de 2002; obra esta dedicada ao primeiro mandatário do município, contém dados sobre a Ilha Grande do Piauí, neste mesmo documento, discorre que, a Ilha Grande de Santa Isabel, área que abrange toda a ilha, era chamada de Coroa Grande do Igarapu, nome dado devido ao rio que a banhava.

Em meados dos anos de 1692, Mariana Alexandre Viana, mulher viúva, se instalou na ponta da Coroa Grande, perto das margens do igarapé, ligado ao rio Igarapu, um dos afluentes do rio Parnaíba. Instalou-se e construiu sua morada ao pé do morro, juntamente com ela

² Karina Silva Gonçalves. Memória Literária: Ilha Grande. P.72. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

estavam os seus seis filhos, quatro homens e duas mulheres. A partir daí, o lugar teria se transformado em uma vila de pescadores. A região tinha uma abundância de vegetais para o consumo, frutas nativas, como caju, murici, puçá, entre outras, também uma grande variedade de peixes, camarões, mariscos e diversos animais para a caça.

Nos invernos intensos, as trilhas e caminhos ficavam cheios de água, fazendo com que a Coroa Grande ficasse isolada de Parnaíba; o acesso só era possível por meio de canoas, pelos igarapés da Vila da Lagoa Grande, atualmente chamada de Várzea Grande. O mar próximo a região até o século XVIII, proporcionava na maré baixa e nos grandes estios uma considerável produção de sal que abastecia a localidade.

Segundo José Osmar, em seu livro memorialista com textos da Ilha, na época o lugar ainda era considerado remoto, as notícias eram transmitidas por viajantes e alguns pescadores que passavam pela residência de dona Mariana. Nas proximidades da Coroa Grande havia elevações de terras que mesmo com as cheias não inundavam, sendo propícia para o plantio, onde os moradores da região plantavam de tudo e por conta da atividade exercida principalmente com o plantio de batata doce, o local ficou conhecido como Ilha das Batatas, nome que predomina até os dias atuais.

Ainda segundo o trabalho elaborado por José Osmar, que reúne textos sobre a Ilha, já citado anteriormente como também a tradição oral do lugar, conhecida por muitos da região, foi encontrada uma lenda sobre o povoado e sua origem, esta é trabalhada até nas escolas do município em projetos, como um ocorrido importante para a história e memória local, que envolve Dona Mariana, importante personagem que de acordo com a memória dos mais velhos, muito contribuiu para a História do lugar, sendo uma das primeiras moradoras da região que deu origem ao nome do povoado. A lenda ficou conhecida como “A lenda da Mariana”:

Minervina, filha de dona Mariana, levou sua filha Maura de seis anos, para um rio num lugar chamado “Cubim”. Perto de onde moravam, para lavar roupa. Lá havia um poço profundo e de águas tranquilas. E de repente, as águas cresceram em revolta e surgira uma enorme cobra Sucuri, que enlaçou a criança. A mãe, vendo a filha ser engolida, em desespero gritou por socorro e foi ouvida pelos caçadores que estavam próximos do local. Os homens se atiraram na água, conseguindo matar e trazer a cobra para as margens. Cortando sua barriga com suas facas e retirando o corpo da menina já sem vida. No lugar onde Maurinha foi sepultada inaugurou-se o cemitério de Morros da Mariana. Ainda segundo a lenda certa noite Maurinha teria aparecido em espírito para a avó, em luz clara e com voz harmoniosa. Pedindo que fosse construído uma capela em homenagem a Nossa Senhora

da Conceição, indicando o lugar a ser construída. Dona Mariana e todos da família juntamente com os outros moradores, construíram a capela que foi inaugurada em dezembro de 1756. Atualmente, é a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, sendo a padroeira do município. (SILVA FILHO, 2002, p.5).

Após o ocorrido, Dona Mariana e sua família mudaram-se para outra localidade, próxima a morros altos que podiam ser vistos de longe, os quais serviam de referência para a sua residência, o que possivelmente levou a associar os morros ao nome da mulher, citada como a primeira moradora da região, daí surgindo a denominação e ficando assim conhecido como o povoado dos “Morros da Mariana”. Dona Mariana faleceu aos 99 anos, sendo considerada a grande pioneira da região. Unindo o fato de uma lenda ao povoamento do lugar e como também a sua nomenclatura.

Em um texto do livro “Memórias e memórias inacabadas” sobre os Morros da Mariana, Humberto de Campos descreve a localidade; discorre sobre o acesso que até então era feito a cavalo, pois o mesmo morava em Parnaíba e vinha para o lugar a passeio, ele conta também que era um povoado composto por pescadores de vida simples que moravam em casas de palha, próximo a um braço de rio e também de altos morros de areia fina.

Alguns meses depois, nós tínhamos, no entanto, de alugar a nossa casinha, e de seguir, a cavalo, para ao arraial denominado Morros da Mariana, no interior da Ilha Grande, ou Ilha de Santa Isabel, fronteira a Parnaíba. Íamos apenas a passeio. [...] Era um simples povoado de pescadores, tendo uma centena de casas de palha, e nenhuma telha. [...] Apenas, como traço eventual de civilização, uma pequena escola de primeiras letras cujas paredes eram troncos de carnaúba e cujo pavimento era de areia solta. Duas ou três vendas pobres. E junto ao porto, cercado por montes de bagaço que os grandes bois comiam melancolicamente, um engenho rústico, movido por parrelhas bovinas, e que transformava em aguardente, ou em rapaduras grosseira, a produção dos canaviais particulares que ficavam na região baixa, do outro lado do rio. (CAMPOS, 2009, p. 139).

Percebesse neste texto, que na época ainda existia uma carência de recursos e os moradores tinham um estilo de vida rústico, nele também é citado o engenho, como uma das atividades realizadas pela população. Ainda segundo os escritos encontrados no documento memorialista, feito por José Osmar sobre a Ilha, percebeu-se que o cultivo de cana-de-açúcar se desenvolveu em alguns pontos da Ilha, por volta do século XX; engenhos de beneficiamento foram implantados para a fabricação de rapadura, seus derivados e cachaça; nessa época houve desenvolvimento e também um crescimento da população residente, porém

os engenhos não se mantiveram por muito tempo, mesmo as terras sendo boas para o cultivo da cana, a atividade não prosperou, devido à falta de instruções técnicas para o aproveitamento do solo e a dependência das chuvas para o cultivo.

Sobre a rotina de vida dos moradores da Ilha Grande, que enfrentavam dificuldade com relação a escassez de médicos e remédios, sendo necessário recorrer a reza e a fé para a cura das doenças e também utilizar as plantas e chás medicinais; Humberto de Campos em algumas de suas passagens pelo lugar rememora:

Os recursos de que minha família aí dispunha para viver, eram minguados e tristes. [...] Foi aí, toda via que assaltou a enfermidade mais grave que se ressentiu a minha infância. Eu Devia ter uns dez anos. Foi uma febre, não sei se palustre ou tífica. Sei que foi tão alta, e tão persistente, que perdi os sentidos durante muitos dias. Para melhor cuidar de mim, minha mãe me desceu da rede, improvisando para mim uma cama no chão, sobre uma esteira no meio do quarto. Não havendo farmácia senão em Parnaíba, tinha-se que recorrer à reza e aos remédios caseiros. Minha mãe pegou-se com a Senhora das Candeiras e recorreu ao chá de sabugueiro. Prometeu uma vela à santa, cuja a festa era, lembro-me bem, 2 de fevereiro. E eu fui salvo, a custa, das unhas da morte. (CAMPOS, 2009, p. 141).

Os recursos eram escassos, acarretando assim a um descaso social, principalmente no atendimento a saúde, a população local sobrevivia de maneira precária com relação a esse aspecto.

E nesse meio termo, pouca coisa mudou e as necessidades materiais ainda permaneceram. O morador João Batista, do povoado de Morros da Mariana, Centro de Ilha Grande, onde nasceu e ainda continua vivendo no lugar, lembra que, “em 1972, o doutor Alberto Silva em sua gestão como prefeito de Parnaíba, fez um ramal de piçarra, uma estrada ligando Parnaíba a Morros da Mariana, melhorando a situação”³. Naquela época não tinha estrada de acesso para as pessoas chegarem a cidade de Parnaíba, elas tinham que ir a pé, ou seja, caminhando por trilhas em meio a vegetação ou pelo rio, de canoa.

Com a construção da estrada, houve certa melhoria para o povoado de Morros da Mariana, mas só beneficiou de maneira mais direta esse local, por ser considerado o centro do povoado. As demais comunidades, um pouco mais afastadas, como Baixão, Cal e Tatus, continuavam sem acesso direto, ou seja, sem estrada, a população dessas localidades, para chegar em Parnaíba permaneciam andando a pé ou de embarcações. Morros da Mariana surge

³ João Batista Costa Gomes, 59 anos, funcionário público (vigia), nascido no povoado Morros da Mariana, na época município de Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes em 30 de setembro de 2014.

como médio centro populacional, que tinha uma estrada e havia carros transportando as pessoas até o rio Igarapu, alí se fazia a travessia por meio de embarcações para os mercados parnaibano. Para confirmar as dificuldades sofridas por esses moradores, que enfrentavam um longo trajeto de onde moravam até Parnaíba, seu João Batista José, pescador e morador do bairro Tatus desde criança e residente do local conclui que:

As pessoas iam para a Parnaíba caminhando até os Morros da Mariana. Lá tinha um caminhão do Zé Jorge, caminhão grande. Aí você tinha que levar tudo que fosse pra vender nas costas, murici, castanha. O carro só fazia linha até lá, porque tinha calçamento, pra cá não tinha. [...] Quando era meio dia o sol quente a gente vinha de lá dos Morros pra cá à pé com um saco das compras de Parnaíba nas costas procurando sombra no mato⁴.

Na narrativa do colaborador⁵, notou-se certa frustração e sofrimento, devido as grandes dificuldades enfrentadas, não só por ele, mas por todos que tinham que passar pela mesma situação, garantindo com isso a sobrevivência de suas famílias, que utilizavam os produtos comprados em Parnaíba para o seu consumo diário.

Toda a produção de pesca ou da agricultura, obtida em toda Ilha tinha como destino a cidade de Parnaíba para serem comercializadas.⁶ As pessoas vendiam seus produtos e compravam mercadorias necessárias para a sobrevivência.

O colaborador João Batista, discorre sobre o poder público no povoado por volta das décadas de 1960 e 1970: “Os governantes não olhavam para as comunidades que hoje formam a Ilha, só vinham para o povoado em época de eleições para conseguirem o voto da população”⁷. E ainda segundo a fonte oral, pode-se perceber que as pessoas do lugar viviam numa extrema pobreza, com famílias numerosas, poucos recursos financeiros, falta de estrutura na saúde, assistência médica, assim como também na educação para os que pretendiam continuar os estudos, pois no povoado só havia as primeiras séries iniciais e era necessário se deslocar para o município mais próximo que disponibilizava melhores condições educacionais. As dificuldades eram grandes, principalmente para as comunidades mais afastadas do centro, não tinham saneamento, retiravam da natureza o seu sustento.

⁴ João Batista José Dos Santos. Aposentado e pescador, 67 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 25 de Maio de 2014.

⁵ Colaborador é um termo sugerido por José Sebe Bom Meihy (2005) para diferenciar o entrevistado do depoente ou da característica de informante.

⁶ A Ilha era tida como o celeiro de Parnaíba pela sua produção de arroz, cana-de-açúcar, frutas e peixes. (SANTOS, 1995, p.43).

⁷ João Batista Costa Gomes, 59 anos, funcionário público (vigia), nascido no povoado Morros da Mariana, na época município de Parnaíba PI. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes em 30 de Setembro de 2014.

Em 1975, na gestão do prefeito Alberto Tavares Silva, foi construída a ponte Simplício Dias sobre o rio Igarapu, abrindo possibilidades para as atividades comerciais importantes entre as localidades e melhorando o acesso entre os moradores que poderiam circular com mais facilidade de um lugar para o outro, trazendo benefícios significativos, principalmente para a população da Ilha, que tinham de sempre realizar a travessia em canoas guiadas.

1.2 A emancipação da Ilha Grande do Piauí

O processo de emancipação da Ilha Grande do Piauí, ocorreu em meio a questões históricas que envolvem a igreja católica; fato importante e esperado por grande parte da população, que se sentia esquecida por seus governantes que lembravam do povoado apenas em épocas de eleições. O lugar até então era pertencente à cidade de Parnaíba, esse processo histórico religioso, se deu com o auxílio de padres italianos, vindos para a Diocese de Parnaíba, estes se envolveram e começaram a se dedicar à comunidade, prestando serviços ao povoado considerado necessitado.

Em 1981, atendendo a um convite do bispo diocesano, Dom Edvaldo G. Amaral, chegaram a Parnaíba, os padres italianos Enzo Venditti e Pedro Quiriti, a fim de administrarem a paróquia de N. Sra. Da Graça. Logo, ambos dedicam suas atenções à Ilha Grande com zelo apostólico, principalmente padre Pedro que não mede esforços no atendimento às pessoas carentes. Posteriormente, junta-se aos dois, o pe. Jaime Gustielli. Então, conseguem recursos com entidades ou pessoas amigas de países europeus, elaborando um extenso trabalho assistencial com crianças, jovens, pescadores e rendeiras. (SANTOS, 1995, p. 19).

Com a chegada desses religiosos a Parnaíba, principalmente no povoado de Ilha Grande, algumas melhorias foram acontecendo em relação à assistência social para os moradores, o catolicismo também foi crescendo, estes fizeram trabalhos com crianças, jovens e idosos, mas especialmente com os mais carentes, que eram considerados o público alvo para receber a ajuda.

A igreja realizou em Ilha Grande, diversas obras assistencialistas foram feitas em alguns povoados: a “construção e reforma de residências pobres; assistência médica, perfuração de poços, compra de sementes para

agricultores, compra de remédios, filtros, redes de náilons e canoas para pesca e rede de dormir”⁸

A dedicação ao povo da Ilha, que teve a frente o padre Pedro Quiriti, que desenvolveu trabalhos em alguns pontos da região, como Baixão, Labino, entre outros, mas principalmente no centro de Morros da Mariana, conseguiu algumas realizações, proporcionando um crescimento religioso católico em toda localidade, com medidas de assistência social para atender a uma população necessitada de apoio social e político.

Sobre a criação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o bispo da diocese de Parnaíba, Dom Edvaldo Gonçalves Amaral, sentiu a necessidade de realizar o desmembramento da paróquia da Graça com a Ilha, e através do Decreto Episcopal de 29 de novembro de 1985, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição que teve como sede o povoado de Morros da Mariana e tendo como o primeiro pároco o Pe. Pedro Quiriti.

Com a criação da nova Paróquia, tendo como administrador paroquial o pe. Pedro, que tinha como intuito trabalhar com o povo da Ilha, podemos evidenciar que:

O ano de 1985 se reveste assim, de suma importância na vida religiosa da Ilha grande. É o marco de progresso, mais um passo de ação concreta na vida das comunidades. O povo, em sua maioria pobre, canta a alegria na criação de sua Paróquia. Uma solene missa realizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, congrega festivamente os novos paroquianos que comparecem com alegria e esperança. [...] O progresso enfim, se faz mais palpável para aquele povo que vivia até então, sem muita perspectiva social, porque lutava sozinho contra a pobreza. (SANTOS, 1995, p. 23).

Nesse sentido, com uma Paróquia em Morros da Mariana, abriu-se a oportunidade de o primeiro pároco realizar seus trabalhos de sacerdote nas comunidades da Ilha. Assim, as ações de cunho religioso foram dando um significado a recente Paróquia, e se aproximando cada vez mais do povoado em função de seu sacerdócio; colaborando para a construção e ampliação do pensamento social e político do povo em relação ao sistema administrativo de Parnaíba com os quais viviam. Mais tarde, o padre Pedro se tornou um dos que estavam à frente do movimento em prol da emancipação da cidade de Ilha Grande do Piauí.

Um dos fatores que contribuíram para essa emancipação, foi o constante crescimento da população de toda a Ilha. A igreja com sua função social contribuiu também para que

⁸ Um documento encontrado na Secretária Paroquial do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Pobres e Senhora do Piauí, intitulado: “Grupo de realizações dos padres italianos da Associação de Jesus Crucificado em Guarulhos, Mongi das Cruzes, Parnaíba e Ilha Grande. 1975 a 1996”.

fossem realizadas reivindicações pela população em forma de pequenos manifestos para que a Ilha se tornasse urbana.

Uma das primeiras tentativas para a organização de um movimento em prol da emancipação da Ilha, teve início em 1985, como afirma seu João Batista:

Os primeiros movimentos em prol da emancipação da Ilha, começaram em 1985, na ocasião ficamos sabendo que o município de Bom Princípio, estava tentando a emancipação. Um movimento surgiu com o apoio de várias pessoas. Mas a igreja na época não entrou. Então os interessados fizeram reuniões, escolheram como líder o Paulo Rogério, que não teve muito resultado. Só depois em 1991, o movimento voltou novamente com o apoio de outras pessoas, mas as pessoas não acreditavam, foi quando o Bom Princípio teve a emancipação o que motivou a emancipação da Ilha⁹.

Com a emancipação de outros municípios no Piauí, nos anos 1990, houve ainda mais motivação para que os movimentos continuassem a sua luta, no entanto, algumas divergências surgiram. Dois grupos foram criados, os que queriam que esse fato acontecesse e os que começaram a lutar contra a emancipação; a população queria uma atenção maior por parte dos governantes, pois havia falta de compromisso e atendimento. Com isso, houve uma vontade de mudança e independência.

Aos poucos, tudo estava se encaminhando, um grupo de pessoas com conhecimentos políticos fizeram reuniões, estes visitavam e mobilizavam toda a Ilha, nessa euforia acontece a divisão em dois grupos, o grupo do “Sim”, representado pelo Pe. Pedro e as lideranças do PT (Partido dos Trabalhadores) e outras lideranças que apoiavam o movimento, eles pregavam a ideia de um partido unificador (Comissão Pró-Emancipação) em prol da Ilha; e o grupo do “Não”, que tinha como principal representante, Carlos Alberto, um advogado residente do lugar que foi contra o plebiscito.

A “Comissão Pró-Emancipação Política do Município” se organizou, divulgando as vantagens e benefícios de a Ilha se tornar cidade, sensibilizando o povo para ir às urnas depositar o seu voto, na data marcada para o plebiscito, dia 12 de dezembro de 1993. Mesmo com o plebiscito realizado e com a população decidida pela emancipação, ou seja, o desmembramento de Parnaíba e a independência política da Ilha, esse fato ainda dependia do governo do estado para realmente se concretizar.

⁹ João Batista Costa Gomes, 59 anos, funcionário público (vigia), nascido no povoado Morros da Mariana. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes em 30 de setembro de 2014.

Mas o então governador do estado Antônio Almeida de Freitas Neto, atendendo à população consolidada a formação administrativa da Ilha, sendo elevada à categoria de município e distrito com a denominação de Ilha Grande, pela Lei Estadual N° 4680, de 26-01-1994, desmembrando-se de Parnaíba, tendo como sede o atual distrito de Ilha Grande, instalado em 01-01-1997. Em divisão territorial de 15-07-1997, o município é constituído distrito sede, a sua denominação Ilha Grande, ocorreu em virtude do local está situado no extremo norte da Ilha de Santa Isabel, principal ilha do Delta, que foi dividida, ficando esta pertencente ao município de Parnaíba e Ilha Grande do Piauí um município “independente”.¹⁰

A atual cidade tem sua economia baseada nas atividades da pesca artesanal, cata de caranguejo e marisco, agropecuária, extrativismo do pó de carnaúba, artesanato feito com palha, talos da carnaúba e argila, a renda, trabalhos como turismo, bares, restaurantes, extração de frutos nativos, entre outros. Dessa maneira, observa-se que muitos moradores da grande ilha tem significado vínculo com a biodiversidade local, pois tem sua subsistência baseada em atividades extrativistas. Se apropriando e retirando da natureza sua subsistência e ao mesmo tempo também com valores culturais e históricos. Segundo José Augusto Pádua “A apropriação da natureza e a valorização das paisagens, nesse sentido, possuem uma clara historicidade” (PÁDUA, 2010, p. 93). Assim esses recursos são necessários aos moradores que com isso acabam ganhando uma importância considerável na vida dessas pessoas.

¹⁰ O sancionamento foi realizado pelo governador Freitas Neto, em 26 de janeiro de 1994, oficializando a criação do município de Ilha Grande-PI. Em 1996, houve eleição, tendo a participação de 5 candidatos moradores da Ilha para o cargo de prefeito sendo eles: Dr. Carlos Alberto, Henrique Sertão, Magno Brito, Paulo Rogério e Zequinha conceição. E nessa disputa o candidato do PSDB, Henrique Penaranda Sertão Machado ganha as eleições consolidando-se como o primeiro prefeito e administrador de Ilha Grande - PI e tendo também como o seu primeiro vice-prefeito José Osmar da Silva Filho.

2 O BAIRRO TATUS ESPAÇO DE MEMÓRIAS: ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Meu bairro é pequeno, mas é caloroso, quem vem aqui.

Não esquece jamais, o meu bairro oferece pontos turísticos, como as dunas e os manguezais.

Porém é pequeno, mas quem mora aqui, não sai daqui jamais¹¹

O constante vai e vem do andar pelas ruas, o reconhecer das pessoas e cumprimentá-las, diz muito sobre o sentimento de ser pertencente ao lugar em que se ocupa. Um espaço carregado de lembranças vivenciadas, percursos realizados, encontros com os amigos, brincadeiras de infância e adolescência, fazem parte da ligação entre o morador e o bairro onde reside.

Observar e perceber as mudanças que vão acontecendo com o passar do tempo, sentindo-se inserido nessas transformações em relação a sua história e a história do local, proporcionam laços de solidariedade.

O espaço é histórico e registra em si diferentes mudanças temporais, por exemplo, as construções de novas casas, ou a sua restauração, a ocupação de uma paisagem por um determinado grupo humano, dentre outras possibilidades. Dessa forma os espaços, são modificações ou permanências que podem ser percebidas, comparadas e registradas.

Nesse capítulo contemplaremos as mudanças e permanências ocorridas no bairro Tatus, bem como a vivência e experiência diária das pessoas que residem nesse espaço, percebendo como esses indivíduos se veem enquanto pertencente a esse local.

Realizamos a análise sobre o bairro através de fontes escritas, mas principalmente das narrativas orais. Percebemos o bairro não apenas na condição de lugar ou espaço onde as pessoas residem ou residiram, mas como um lugar escolhido para se morar e conviver, identificando-se e criando uma afeição em relação a esse lugar. Ali passaram a infância, adolescência e a juventude e possivelmente, repousam ou desejariam repousar na velhice, onde sofreram ou foram felizes, lugar em relação ao qual se processa uma ligação afetiva suscitando saudades e expectativas.

¹¹Antônia Cristina de Oliveira Sousa. Poema: Meu bairro. P.21. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

Nesse sentido, destacamos a ideia de que para se compreender o lugar, deve-se antes de tudo “reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas, do lugar o que significa ler além da paisagem” (CALLAI, 2004, p. 05).

É sobre essa forma de compreender o bairro na condição de lugar que Lucia Gomes, moradora originária do bairro Tatus, tem o seguinte relato:

Aqui é muito bom! Eu nasci e me criei aqui. No meu tempo de criança, de jovem era melhor, tinha muita fartura, os invernos eram bons, tinha muitas safras de arroz, nas lagoas e no rio tinha muito peixe, tinha muita criação, tudo era farto. As pessoas eram unidas. Quando uma pessoa não tinha uma coisa os outros trocavam ou davam pra comer ou então as pessoas faziam favores por comida. [...] Todo mundo era pobre mais ninguém mexia nas coisas dos outros e aqui só passava fome quem tinha preguiça, era só ir no rio pescava peixe, camarão, arrancava marisco, no mangue pegar caranguejo, no mato tinha fruta. [...] Meu lugar é bom, tudo mundo que vem pra cá, não quer mais sair daqui. Eu também só saio quando Deus me levar¹².

A importância do lugar revela-se pelos usos dos recursos naturais, ideia e memória de uma natureza generosa. É interessante analisar a relação de afeto para com o bairro, quando a colaboradora se refere ao mesmo de maneira valorosa, “Meu lugar é bom”, demonstrando que o bairro era mais do que um lugar para se morar, era um espaço do qual a mesma se sentia pertencente, com sentidos e significados. Por essa razão Callai afirma que o lugar:

[...] é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais. [...] Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento. (CALLAI, 2004, p.01).

Portanto, a experiência cultural e afetiva dos sujeitos modifica a forma como os mesmos interpretam o espaço, passando a entendê-lo como lugar; sendo possível afirmar que as mudanças de percepção de espaço e lugar encontram-se permeadas por sutilezas e sentimentos daqueles que residem ou residiram num determinado espaço.

¹² Lucia Maria Bittencourt Gomes. Aposentada e marisqueira, 59 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 22 de Junho de 2014.

Por esse motivo, interpretamos o bairro Tatus, como não sendo apenas um dos tantos fragmentos que compõem uma cidade, mas como um lugar construído e reconstruído por seus habitantes, sendo o mesmo interpretado e reinterpretado por meio da memória.

Nesse contexto, o bairro deve ser interpretado de uma forma bem mais ampla, do que apenas como uma peça que faz parte de um quebra-cabeça que é a cidade, mas como uma área caracterizada diferentemente em meio a outras áreas que fazem parte da cidade. Entendido como algo vivo, pulsante de vidas cotidianas em movimento, sede de constantes mudanças, inclusive históricas, que se refletem nas modificações sociais e também na paisagem local, gerando consequências no aspecto de vida dos moradores.

Assim os que residem no bairro estabelecem com o lugar, uma noção de pertencimento em particular que ganha afeto e segurança, mais do que com o todo da cidade, com isso, dizemos que é no bairro que há a convivência cotidiana, onde são vivenciadas muitas das relações sociais, sejam elas em locais destinados ao comércio, ao lazer, a religiosidade, dentre outras.

Outro aspecto a ser acrescentado é da relação entre os moradores e o bairro, na questão das instâncias do público e do privado, ao mesmo tempo em que a casa é um espaço de moradia, o bairro também acaba sendo uma espécie de “casa maior”, constitui um local, onde as noções de familiaridade encontram-se no indivíduo a partir da experiência enquanto morador, conhecendo e sabendo utilizar todos os espaços, onde a maioria de seus habitantes se conhecem e mantem um certo contato uns com os outros.

2.1 O bairro Tatus e sua história de povoamento

O bairro Tatus fica localizado no município de Ilha Grande do Piauí, situado a três quilômetros do centro da cidade, privilegiado por está às margens do rio Tatus, um dos afluentes do rio Parnaíba, onde também fica situado o Porto dos Tatus popularmente conhecido como “Porto Rico” que é considerado de extrema importância para a região no que diz respeito a economia local e de outros lugares, inclusive Parnaíba, no transporte de várias mercadorias, como o pescado, camarão e o principal deles, o caranguejo-uçá, que é transportado em grande parte para o estado do Ceará. O bairro, ainda possui outros atrativos naturais, como o Morro Branco formado por um conjunto de dunas e uma vasta vegetação composta por coqueiros, cajazeiras, mangueiras, carnaúba e em sua maioria por cajueiros, entre outras plantas e árvores nativas, que infelizmente vem sendo ao longo do tempo

desmatada pela própria população residente para a produção de carvão e lenha e pela pecuária extensiva, as quais são algumas das fontes de renda da população, além da pesca, cata do caranguejo e agricultura.

Com uma população que não dispõe de muitos recursos financeiros, que ainda em grande parte depende dos recursos naturais para o sustento, vindos principalmente de uma das maiores riquezas existente que é o rio Parnaíba; o bairro Tatus, teve significativas melhorias sociais, como a construção da estrada de acesso direto a Parnaíba, entre outros feitos, mudanças foram acontecendo beneficiando os moradores, principalmente os que levavam uma vida de sacrifícios, sem muitos recursos, além das trajetórias a pé para a cidade de Parnaíba, os jovens também não tinham muitas perspectivas no lugar, principalmente os com as famílias de monos posse e os que queriam uma vida mais satisfatória viajavam para outros lugares em busca de melhores condições. No entanto segundo as narrativas mesmo em meio a tantas dificuldades conseguiam sobreviver.

Na imagem a seguir, aparece o bairro Tatus em sua totalidade, visão aérea onde se vê as residências que foram aumentando com o crescimento da população e em sua maioria de tijolo e telha. Pois segundo as narrativas orais as moradias eram de taipa e palha, devido as condições financeiras dos moradores e tinham poucos residentes no lugar. Da pra ver também ainda o predomínio da vegetação, mesmo com o desmatamento.

O rio Tatus, um dos afluentes do rio Parnaíba, importante por ser o mais propicio a navegação da região da Ilha que divide a Ilha das Batatas do bairro, o Porto Rico com seu potencial social, econômico e turístico, as embarcações que fazem os passeios para as outras ilhas do Delta, como também as outras embarcações dos caranguejeiros, as canoas dos pescadores, as casas de comércio existentes no porto e mais atrás estão as dunas do Morro Branco, beleza genuína, uma verdadeira resposta da natureza para a ação do homem, que ameaça a região, um fenômeno natural que cada vez mais avança em direção ao bairro.



Figura 03: Vista aérea do bairro Tatus em Ilha Grande PI, ano 2013.
Fonte: <https://www.facebook.com/portotatuspiaui>.

Segundo relatos orais de moradores da região, a área onde hoje se localiza o bairro Tatus, um lugar que fica situado entre o chamado rio Tatus e as dunas do Morro Branco, era tomado pela vegetação existente, que durante um bom tempo conservou as características de um verdadeiro “matagal fechado”, com muitos animais e pouco habitado, o bairro fica entre o rio e os morros. Era difícil a passagem das pessoas em meio a mata fechada.

No entanto, por seus muitos recursos naturais e principalmente pela sua localização próximo ao rio, foi ocorrendo aos poucos a povoação. Por volta das décadas de 1940 e 1950 de acordo com Lucia Gomes:

Meu pai contava que, quando ele chegou aqui em 1956 com a minha mãe, eu tinha um ano de idade, e meu irmão zé era bem pequeno, tinha poucas casas e se contavam, umas sete, não tinha nem dez. Nós viemos da Ilha do Guirindó no Maranhão. Aí como meu pai não tinha casa e na beira do rio tinha um engenho de fazer rapadura e cachaça, nesse tempo aqui tinha muita cana. Daí nós fomos morar no engenho até o papai fazer uma casa.

Assim como a família de Lúcia Gomes, muitas outras famílias vindas de outros estados, como Ceará e Maranhão, e em grande quantidade, como também de outros pontos da Ilha, se instalaram e formaram uma comunidade de pescadores em uma área rural, sem nenhuma assistência social ou medica. Não podiam contar com os governantes políticos ou

entidades que lutassem por seus direitos, viviam em meio a pobreza, porém, mesmo com as dificuldades encontravam maneiras para sobreviverem.

Em relação ao local, um fato curioso já despertou interesse em estudantes, pesquisadores da localidade e nos moradores mais jovens, isso no que se refere a questão do nome do lugar, por que Tatus? Em narrativas orais, existem duas hipóteses sobre a nomenclatura do bairro.

Uma delas é o fato de que no local, em tempos de seu surgimento, havia uma grande quantidade de tatus, animal conhecido na região como “peba”, ainda existente, mas em menor número, por conta da caça pelos moradores para o consumo alimentício, sua carne é bem apreciada pelos nativos; daí o nome do bairro “Tatus”, por conta da grande quantidade do animal no lugar, em uma época, quando foi sendo povoado.



Figura 04: Tatu Peba
Fonte: Google Imagens, 2015.

A segunda versão que possivelmente poderia dar nome ao bairro teria haver com a povoação, a hipótese mais conhecida na região, deve-se ao fato de que uma das primeiras famílias a residir no povoado, foram os chamados “tatu”. Grande parte de seus descendentes ainda moram no bairro, com isso o lugar teria essa nomenclatura em função do nome da família considerada umas das primeiras e uma das mais antigas a povoar o lugar.

Então devido a esses dois fatos, buscou-se saber qual das versões poderia responder a interrogação a respeito do nome do bairro, foi então que um dos colaboradores, o senhor João

Batista dos Santos, aposentado e pescador descendente da família Tatu, residente no local, chamou atenção em sua narrativa:

Quando a minha família chegou aqui, o lugar já era Tatus, aí veio o nome da família de Tatu, colando uma coisa na outra. Algumas vezes me perguntaram, o que o nome do lugar tem haver com a minha família? E porque colocaram esse apelido em nós, todo mundo aqui tem apelido, aí apelidam nós de Zeca Tatu, Chico Tatu, João Tatu o Tatuzinho. Aí o povo tem a gente como sendo importante, com um lugar chamado de Tatus e nós a família tatu, eles pensam que foi nós que geremos o nome do lugar. Não quando nós chegamos aqui eu ainda me lembro eu era um meninote e o lugar já era Tatus!¹³.

O diálogo com esse colaborador foi muito importante, pois através de suas palavras, pode-se esclarecer sobre as hipóteses levantadas em relação a criação do nome do lugar, assim confirmando a versão de ser devido ao animal tatu, e com isso também podemos perceber que possivelmente a família Tatu tenha ganhado esse apelido por conta de serem um dos mais antigos moradores do lugar.

Isto também pode ser confirmado, no caso específico da narrativa de outro morador, Carlos Antônio, presidente da Associação de Moradores do Bairro e agente comunitário de saúde da localidade. Ele fala sobre o assunto: “pelo que eu já ouvi falar o nome do lugar, se deu devido ao animal tatu, que naquela época mais antiga tinha muito por aqui, e o pessoal conhecia como peba que ainda tem até hoje¹⁴”.

Diante das narrativas expostas fica evidente que o bairro recebeu o nome de Tatus, no plural, baseado na versão da existência de uma grande quantidade do animal tatu no lugar, deixando de lado a segunda hipótese, no caso a possível nomeação do local ter sido por conta da família Tatu, considerados os primeiros a habitarem a localidade.

Para argumentar sobre o assunto em seu relato, a senhora conhecida por Caçula, Gerônima Pereira dos Santos, aposentada e residente do bairro desde mocinha, foi uma das que migraram das ilhas do Maranhão para o povoado, ela nos afirma que “os moradores mais antigos daqui foram os chamados Trapiar que moravam ali perto do porto¹⁵”. Na narrativa da

¹³ João Batista José dos Santos. Aposentado e pescador, 68 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 25 de Maio de 2014.

¹⁴ Carlos Antônio Barros dos Santos. Presidente da Associação de Morados do bairro Tatus, 34 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 27 de setembro de 2014.

¹⁵ Gerônima Pereira dos Santos. Aposentada, 76 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 26 de Setembro de 2014.

colaboradora, pode-se notar que foi descartada a versão que afirma que possivelmente teria sido a família Tatu, a mais antiga habitante do lugar.

Nesse contexto, é importante ressaltar a importância da memória sobre o assunto, configurando numa reiteração, pelos colaboradores nas entrevistas realizadas, que compõem o corpo documental desse trabalho.

Os conceitos e significados da memória são vários, já que a memória não se reduz ao ato de recordar. Revela os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano, fornecendo-lhe significados e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades. (DELGADO, 2006, p.38).

Num processo, onde o indivíduo, portanto, é testemunha, é ao mesmo tempo sujeito, daquilo que ele lembra, já que também passa a compor uma memória, essa é formada por um conjunto de lembranças que são repassadas num plano individual ou coletivo, através da oralidade, lhes conferindo significado e a interpretando de modo a conduzir diferentes pontos de vista a cerca de um mesmo fato.

Nesse caso, as narrativas orais, na condição de fonte, permitem a análise de diferentes versões acerca da história em pauta, observando os seres históricos, verdadeiramente como seres que vivenciam, experimentam, possuem semelhanças e diferenças entre si. Sendo assim, os relatos da memória oral se constituem como principal fonte utilizada nessa pesquisa, além do uso dos relatos, também será utilizado algumas pesquisas bibliográficas, referentes ao bairro em estudo.

2.2 Um tempo de trabalho e fartura

Como já citado acima, durante alguns anos o bairro Tatus conservou em sua paisagem as feições de uma “mata”, sendo este aspecto percebido até pelos moradores, havia dificuldades para se caminhar nas trilhas do mato fechado, as mulheres tinham receio de andarem sozinhas pela vasta mata, por conta que era escura e podiam se perder, e com isso quem mais enfrentava esses caminhos eram os homens.

Com as migrações e, conseqüentemente, a povoação do lugar, a paisagem foi aos poucos se modificando e se transformando em um pequeno povoado simples com pessoas trabalhadoras, que buscavam sempre um lugar com condições favoráveis para a sobrevivência.

Depois de um bom tempo que nós estávamos aqui. Começou a chegar gente de todo lugar, mais principalmente das ilhas do Maranhão, outros de fora do Ceará, aí começaram a cortar os cajueiros pra fazer as casas, no tempo essas casa eram de taipa e de palha, por que ninguém tinha condição. Aí sempre procuravam os lugares melhores para se viver, sendo aqui bom, muita gente veio pra cá¹⁶.

De acordo com o colaborador a localidade era propícia para pesca, criação de animais, agricultura e a caça de aves, mamíferos e reptéis, como o jacaré, que complementavam o consumo alimentício, as casas eram feitas com a madeira das árvores existentes, principalmente da carnaúba, cobertas de palhas e argila. A população residente retirava basicamente todo o seu sustento para a sobrevivência diária da natureza.

O cotidiano dessas pessoas era de muito trabalho, com tarefas que garantiam a sobrevivência de suas famílias, as atividades mais exercidas eram o trabalho na roça, dos alimentos mais plantados, os quais ganhavam destaque era o arroz, feijão, mandioca e o milho.

Esse era um trabalho em sua maioria para os homens, pois exige mais força, porém, muitas mulheres também exerciam a função de roceiras, tanto no plantio quanto na colheita, além de cuidarem das tarefas de casa e dos filhos, os meninos desde cedo eram induzidos a acompanhar seus pais para o serviço, as meninas, principalmente as mais velhas, ajudavam em casa realizando trabalhos domésticos e cuidando dos irmãos menores, enquanto suas mães saíam para trabalhar na roça ou para realizar outros serviços, como lavar roupa no rio. Todos tinham suas funções, tanto a criança quanto o adulto, não tinham muitas escolhas e mesmo que estudassem tinham também que ajudar suas famílias. Em sua narrativa Lúcia Gomes diz: “Minha mãe saía pra fazer algum serviço e eu ficava em casa com meus irmão pequenos cuidando de tudo, as vezes não dava nem pra ir pra escola¹⁷” (2014).

Outra atividade que era praticada pela população, inclusive por algumas mulheres para a subsistência de suas famílias, era a pesca no rio e nas lagoas que se formavam com a água das chuvas, muitos peixes e camarões eram pescados, João Batista rememora que:

As pessoas aqui viviam era pescando, no rio e nas lagoas que hoje é o morro branco. Eu rapazinho saía e dizia pra minha mãe, que ia sair e pegar uns

¹⁶ João Batista José dos Santos. Aposentado e pescador, 67 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 25 de Maio de 2014.

¹⁷ Lucia Maria Bittencourt Gomes. Aposentada e marisqueira 59 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 22 de junho de 2014.

cara, nas lagoas. Aí eu pegava cara preto e salema, traira, curimatã. Ou então eu ia pescar no rio. [...] Nas roças se trabalhava até meio dia, plantando arroz, feijão e o milho. Aí depois ia pescar e voltava pra casa com uns três quilos de camarão. Porque era assim as pessoas não tinham condições. Aí iam trabalhar de roça e pescar pra comer, era o único jeito. Mais naquele tempo tinha muita fartura de tudo¹⁸.

Em sua narrativa o colaborador fala da farta alimentação existente nas águas onde pescava, o trabalhador de roça, também era pescador e vice versa, uma atividade era ligada a outra devido a vida que essas pessoas levava, a falta de assistência, com famílias bem numerosas, com mais de 10 filhos em sua maioria, que de alguma forma tinham de encontrar meios para a sobrevivência.

Essas pessoas de origem pobre, residiam em casas de taipa e de palha, utilizando o meio em que viviam como espaço de moradia e sobrevivência, a água utilizada para o consumo, considerada “boa para beber”, era retirada de cacimbas, cavadas no chão, próximas de lagoas ou em lugares bem úmidos. As mesmas quando construídas, podiam emprestar sua água aos vizinhos, pois não era em todo lugar que brotava água adequada para ser consumida, tinha os locais exatos e dificilmente acertavam o local com uma cacimba dita “boa”, todas elas deviam ser cobertas com folhas de planta, para protegê-las de algumas impurezas que possivelmente pudessem cair dentro e todos os dias tinham de ser retirada toda a água para brotar mais. Essa água era colocada em potes e moringas e depois consumida.

Os moradores tinham algumas práticas para retirar a água e não acabar caindo dentro da cacimba, principalmente das grandes, havia um cuidado em especial com as crianças, para não ocorrer acidentes com afogamento.

Outra dificuldade enfrentada era a viagem realizada para a cidade de Parnaíba, em busca de comercializar os produtos agrícolas; alguns animais como porcos, gados, galinhas e o pescado, eram levados do povoado para serem vendidos, adquirindo assim, recursos para comprar mantimentos e utensílios para suas família.

Viagem essa que acontecia somente quando se tinha algo para vender, e que compensasse as dificuldades sofridas no percurso, pois era considerada de extremo sacrifício, as pessoas tinham de ir e voltar caminhando em trilhas no mato, até as margens do Igaráçu, onde se fazia a travessia por meio de embarcações para os mercados comerciais de Parnaíba.

¹⁸ João Batista José dos Santos. Aposentado, 67 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 25 de maio de 2014.

Nos anos que antecedem 1975 não existia a ponte. Lucia Gomes em sua fala descreve o sofrimento de seu pai.

Meu pai quando ia pra Parnaíba, saía daqui caminhando, três horas da tarde, no meio do mato, com ele iam também, quatro homem pra ajudar a levar os jumentos, com as cangaias, cheias de arroz, farinha de puba, milho e uns quatro porquinhos, tudo pra vender na Parnaíba. Ele levava uma lanterna pra clarear o carnaubal, porque de noite era muito escuro e sem lua! Quando ele voltava trazia era muita coisa, remédio, roupa, açúcar, sabão, café, óleo, pano, goma pro mingal dos culumim, querosene, carne¹⁹.

Durante muito tempo essa foi a realidade dos moradores do Tatus, que viviam em meio a dificuldades, ganhando a vida com muito esforço. Apesar disso, gostavam da tranquilidade do lugar e também da abundância de recursos naturais existentes, chegando a sentir falta, como narrou Gerônima.

O lugar aqui era bom de morar, ainda é, mais era melhor. Tinha mais pouca gente. Tinha inverno, com muita fartura, a gente até sente falta. Mais também com esse monte de gente acabando com tudo! Era um lugar tranquilo, não tinha ladrão como tem hoje a gente sente até medo né! Naquele tempo ninguém mexia nas coisas de ninguém e era melhor.²⁰

Segundo a colaboradora o desenvolvimento do bairro não foi algo muito bom, pois com ele veio não só as melhorias, mas também trouxe coisas ruins que antes não aconteciam.

Na década de 1975, recorte temporal do trabalho, mudanças significativas começaram a surgir com obras de melhoramento urbano no bairro; redefiniu-se gradativamente sua paisagem e sua população, embora alguns aspectos rurais ainda persistam, num lento processo de urbanização e expansão do bairro, o qual passou a ocorrer.

2.3 Transformações ocorridas no bairro Tatus

Uma das mudanças mais significativas que trouxe melhorias para o povoado, o qual constantemente crescia em termos populacionais, foi a instalação da rede elétrica, que antes, reduzia-se apenas aos Morros da Mariana, mas teve sua ampliação até o bairro Tatus, trazendo energia elétrica para a comunidade que estava acostumada com luz de lamparinas.

¹⁹ Lucia Maria Bittencourt Gomes. Aposentada e marisqueira 59 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 22 de junho de 2014.

²⁰ Gerônima Pereira dos Santos. Aposentada, 76 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 26 de Setembro de 2014.

No entanto, esse benefício chegou somente no ano de 1975, na gestão do então prefeito Alberto Tavares Silva.

Em seguida, buscou-se obter melhorias no campo religioso para o povoado, que antes saía até os Morros da Mariana para as celebrações na igreja matriz, sendo o acesso difícil, até para o padre que vinha a cavalo, pois não tinha como se locomover com outro tipo de transporte, pelo fato de ainda não ter uma estrada pavimentada de acesso direto, as celebrações realizadas na comunidade eram debaixo de uma palhoça. Diante de tudo isso, foi decidido pela construção de uma capela na localidade dedicada a São Pedro Apóstolo, devido ao povoado ser composto de pescadores e por ser o santo querido pela população.

Acompanhando a evolução do catolicismo na Ilha Grande partimos agora para o povoado Ilha Tatus. O povo, atendendo ao chamado do espírito, se deslocava para os Morros da Mariana onde havia as celebrações litúrgicas. O percurso de 3 km. A pé, não desanimava a população que comparecia alegremente, aos festejos de N. Sr.da Conceição. Contudo, nos anos de 1979 a 1981, era vigário na Catedral de N. Sr. da Graça, o padre Francisco Soares que, vendo a necessidade do povo de Tatus, resolve promover a construção de uma capela dedicando-a a São Pedro Apóstolo. (SANTOS, 1995, p. 16).

E assim foram iniciados os trabalhos para a construção da capela de São Pedro, que teve o apoio do Padre Soares, mas principalmente, da comunidade que trabalhou unida com dedicação. Todos os moradores ajudaram nesse trabalho, como rememora Lúcia Gomes.

Primeiro antes de fazerem a igreja, fizeram os leilão em oferenda a São Pedro, pra arrecadar dinheiro pra comprar os materiais pra construírem a igreja. O padre Soares vinha a cavalo de quinze em quinze dia, dos Morros da Mariana celebrar as missas que eram debaixo de uma latada grande feita de palha. O pessoal do lugar que organizavam, saiam convidado as pessoas pra missa e pedindo joias pro leilão, os morador davam o que podiam dar. Saia também um bando de mulheres pra pedir joias nas ilhas do Maranhão e traziam banana, cana, sacos de arroz, galinha, capote. Aí depois da missa era feito o leilão com muita gente e muita joia! As mulheres daqui também faziam bolo, assado, tudo pra igreja, o dinheiro era guardado no banco na Parnaíba. Aí depois de um tempo fazendo os leilão e tendo o dinheiro. Foi comprado o material pra construção, que ficou na ponte dos Morros da Mariana, porque a estrada não estava feita. Aí o material veio por águas, menos as telhas que foram trazidas de jumento nas cangaias, o resto veio todo de canoa, eu ainda fui ajudar indo pegar os tijolos lá nos Morros, como era muita gente, os donos das canoas emprestavam pra ir pegar as coisas. Quando era de noite a dona Zima ia convidar as pessoas pra carregarem o

material. Eu carreguei foi muita pedra e tijolo! Aí com todo mundo ajudando num instante fizeram a igreja²¹.

Com o trabalho realizado pela população local para a edificação da capela, pode-se perceber a construção de uma identidade religiosa com valores do catolicismo e como isso era importante na vida daquelas pessoas, fazendo com que houve uma união em prol de algo idealizado por uma maioria, que não contavam muito com a ajuda do poder público, mas que eram unidos e conservavam valores religiosos e não deixavam de ter fé.

Mesmo passando por dificuldades e com poucos recursos, utilizando apenas o pouco que tinham, em um terreno doado por um morador do lugar, o Senhor Expedito Durico, como era conhecido, conseguiram erguer a capela no bairro.

Que vem passando por gerações, sempre sendo cuidada pelos moradores, celebrando as festas religiosas do catolicismo existente. Embora com outras religiões e edificações existentes com seus adeptos, o catolicismo sempre predominou no lugar.



Figura 05: Capela de São Pedro, situada no bairro Tatus em Ilha Grande PI, 2014.

Fonte: <https://www.facebook.com.com/portotatuspiaui>.

²¹ Lucia Maria Bittencourt Gomes. Aposentada e marisqueira, 59 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 22 de junho de 2014.

A imagem acima tem como elemento a capela de São Pedro, construída no início do ano de 1981, resultado de um trabalho realizado pela população local, que demonstrou força de vontade a cada tijolo depositado, mostrando também a união da comunidade em prol de um bem em comum.

Um local para orações, com missas aos domingos pela manhã, e todo ano no final do mês de junho é realizado o tradicional festejo de São Pedro, com celebrações, algumas barracas e leilões com variadas joias doadas pelos católicos do lugar. No entanto, relatos orais contam que antigamente o festejo era mais animado, vinham muito mais pessoas inclusive de outras regiões, como do Maranhão.

Um fato que chamava a atenção dos visitantes, eram os grandes leilões cheios de joias ofertadas ao santo, pois muitas pessoas saíam para outros lugares para pedirem as oferendas deixando o evento bem atrativo, ainda tinham as brincadeiras do parque que vinha para a comunidade nessa época, trazendo diversão, tinha também uma banda com músicos, vindos de Parnaíba para a procissão, realizada pelas ruas do bairro.

Com o passar do tempo foi mudando e perdendo suas características de uma festa religiosa tradicional, não sendo mais tão animada como era, o número de fiéis diminuiu, assim como a quantidade de joias do leilão que já não chamam mais tanta atenção. Mas apesar das mudanças o santo Padroeiro da comunidade continua sendo festejado no final de junho de cada ano.

Mudanças foram se sucedendo a partir do recorte temporal escolhido para o trabalho, ampliou-se a estrada até ao porto, pois antes só havia acesso a estrada até os Morros da Mariana; nas outras localidades mais próximas como Baixão, Cal e Tatus, a população ainda realizava a pé as travessias por dentro da vegetação para chegar até os Morros da Mariana. De acordo com o colaborador João Batista (2014), “Nos anos 1980 pra 1981 os políticos Lucidio Portela Nunes, deputado estadual, e Mão Santa, mandaram fazer aquela estrada que vai até o Porto dos Tatus, só que era na piçarra²²”.

Com a construção da estrada para acesso direto, houve uma melhoria para os residentes, pois facilitou muito a locomoção para outros lugares, circulando carros, ônibus e outros meios de transporte, mesmo sendo de piçarra e sem asfalto, essa estrada ajudou muito no transporte de pessoas, animais e mercadorias com mais rapidez.

²² João Batista Costa Gomes. Funcionário público, 59 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 30 de Setembro de 2014.

Essa conquista durante muito tempo foi esperada por aqueles que sofriam em relação a locomoção do bairro Tatus para outros lugares.



Figura 06: Porto dos Tatus com a construção da estrada nos anos 1980.
Fonte: <https://www.facebook.com/portotatuspiaui>

A imagem acima retrata o porto dos Tatus na década de 1980, com a estrada que foi construída, mostra também um dos primeiros ônibus que transportavam pessoas e mercadorias até a cidade de Parnaíba. Indica também o local das casas de comércio do bairro na época, situadas no porto, espaço de sociabilidade e de grande circulação de pessoas.

Assim o bairro com essa nova construção, pode aos poucos receber um tratamento ‘urbanizado’, como algo novo na vida cotidiana dos habitantes, que começam a ver o espaço de maneira diferenciada, havendo uma redefinição no perfil de sua paisagem.

Nesse momento na década de 1980, com as transformações e com o acesso ao bairro melhorado, segundo relatos orais, foi construída pela Associação de Moradores de Morros da Mariana uma fábrica com a finalidade de produzir gelo, beneficiando muito a população, pois o local era propício pra a atividade que geraria lucros a Associação, em um povoado formado em sua maioria por pescadores, que compravam o gelo produzido, para levar nas pescarias em caixas de isopor, onde o produto era conservando por mais tempo, podendo também passar mais tempo apanhando peixes e assim obter uma quantidade maior.

A fábrica foi construída às margens do rio numa zona propícia, próximo ao porto, para um melhor acesso ao gelo consumido, principalmente, pelos pescadores; também servia para as pessoas de outros lugares, como do Maranhão e Parnaíba, que pescavam em águas do mar.

Em seguida, foi construída pelo prefeito da época, Francisco de Assis de Moraes Souza, o então conhecido Mão Santa, em 1988 a praça São Pedro, esse nome devido a proximidade com a capela de São Pedro, situada no centro do bairro, um espaço muito visitado pelos moradores.

Em seguida, outras melhorias bem significativas para o bairro, foi a construção do posto de saúde Governador Mão Santa, que tem o nome do político que autorizou a sua construção, quando o mesmo foi governador, na década de 1990, conta com atendimento médico para a população semanalmente.

No bairro fica situado o Porto dos Tatus, conhecido também como Porto Rico, pela grande movimentação de pescados, moluscos, crustáceos, entre outros produtos, um ponto considerado importante, não só para o bairro, como também para todas as comunidades da região deltaica. O Porto dos Tatus também teve suas modificações com o tempo, pelo seu potencial turístico e econômico, foi se tornando cada vez mais “urbanizado”, adaptando-se as novas atividades exercidas nesse local.

O turismo desde os anos de 1990 foi cada vez mais se expandindo e se tornou umas das novas atividades de emprego para alguns moradores do bairro, em sua maioria os jovens, é uma atividade que cresceu nos últimos anos, atrai turistas do mundo todo. No entanto, há uma disputa grande por passageiros, entre os empresários, donos de agências e dos barcos; no intuito de tentar amenizar esse problema, foi criada uma associação entre eles, onde todos poderiam realizar os seus passeios de maneira conjunta sem precisar haver conflitos. Além dos barcos grandes, também é possível realizar o passeio em voadeiras, estas são mais rápidas e se aproximam ainda mais de locais pequenos, onde não é possível a chegada dos barcos maiores, tornando possível um contato mais próximo a localidade visitada, essas opções ofertadas pelas agências geraram empregos para a população local.



Figura 07: Porto dos Tatus no ano de 2012.

Fonte: <https://www.facebook.com/portotatuspiaui>.

A imagem representa o Porto dos Tatus com seu potencial em relação as questões naturais, sociais e econômicas, mostra uma das atividades exercidas na região, a cata do caranguejo-uçá, os catadores vêm dos manguezais de onde retiram os caranguejos, comercializando seu produto para os compradores que revendem em Parnaíba e em sua maioria para o estado do Ceará, transportado em caminhões.

Muito propício às atividades turísticas, é o principal local de embarque e desembarque de visitantes, de pessoas residentes nas ilhas do Delta, que vem para a Ilha Grande ou para a cidade de Parnaíba, e para os próprios moradores, como os pescadores, catadores de caranguejo e marisco, trabalhadores de roça e daqueles que utilizam as águas do rio, como as lavadeiras de roupa. Como também para os comerciantes com seus comércios situados no local. Tem ainda os que usam esse espaço como lugar de lazer nos finais de semana.

O Porto Rico é o Portal do Delta e cheio de fartura, dele sai o peixe, o marisco, o caranguejo uçá. Além do arroz que não pode faltar. O arroz é o gênero alimentício mais plantado da região é dele que várias famílias sobrevivem. Quem planta lucra pouco, quem compra para revender e quem

enche a pança. Do Porto Rico é que saem turistas, vindo de todos os lugares. Aqui deixam dinheiro e para lá levam saudades²³.

Local de grande relevância para vários tipos de atividades, de toda a região, movimenta um comércio de onde muitos tiram o sustento de suas famílias, uma riqueza natural de suma importância para toda a Ilha Grande.

²³ Guilherme dos Santos Silva. Poema: Porto Rico. P.46. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

3 AS DUNAS DO MORRO BRANCO: UMA BELEZA QUE ASSUSTA

*Os Tatus têm dunas maravilhosas, são lindas e muito preciosas.
As dunas têm um habitat muito alegre.
Muitas pessoas que vêm, essas pessoas ao visitá-las se
Encantam com a natureza.
As águas das dunas são lindas e atraentes, atraem muitas pessoas de lugares diferentes.²⁴*

O povoado do bairro Tatus atualmente sofre de forma direta, com um grande problema ambiental, as dunas móveis do morro branco, um grande amontoado de areia considerada uma bela paisagem, mas que assusta os moradores dessa localidade, pois se tornou uma ameaça que aos poucos está invadindo todo o lugar, o rio e as residências dos moradores.



Figura 08: Área com maior proximidade das dunas em Tatus ano 2013.
Fonte: www.blogdopessoa.com.br

A imagem acima mostra a área, onde as dunas estão mais próximas, já nas imediações da estrada de acesso terrestre ao bairro, acima do amontoado de areia há palhas vegetais de

²⁴ Maicon Lincon dos Santos Andrade. Poema. As dunas dos Tatus. p. 25. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizado prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

palmeiras, tentando evitar que as dunas se movimentem pela ação dos ventos. No entanto, não surtindo muito efeito, elas continuam avançando cada vez mais, nesse local habitavam muitos moradores que se viram obrigadas a se retirarem para outras localidades, derrubando suas moradias antes que fossem totalmente soterradas.

Uma realidade assustadora para quem gosta de morar no bairro, “O que é uma beleza para quem vem de fora conhecer, é um pesadelo para os moradores do lugar²⁵” (SILVA FILHO, 2010). Infelizmente esse pesadelo é vivido cotidianamente pelos residentes da comunidade, que sentem em deixar suas residências e a localidade onde já se afeiçoaram, para os mais velhos é ainda mais doloroso, mas a situação se torna cada dia mais grave, pois as dunas vão avançando e a comunidade está se reduzindo em espaço e moradores.

3.1 Desmatamento, uma ação inconsciente com consequências

A consequência maior do avanço das dunas rumo ao bairro Tatus, segundo relatos orais, foi o desmatamento desenfreado feito pelos próprios moradores mais antigos do lugar, para a produção de carvão, exploração da pecuária extensiva e construção de casas. Com um lugar limpo e devastado, sem nenhuma vegetação como obstáculo, as dunas poderiam facilmente avançar em direção ao povoado, assim alguns moradores já previam a situação que estaria por vir.

Moradores antigos do povoado Tatus, encontravam-se para sentar-se nos terreiros das casas para falarem a respeito das primeiras dunas que surgiram à margem da praia do cutia. Eles discutiam entre si exatamente a época em que essas dunas avançariam sobre o Tatus. Sabiam que quando isso acontecesse, acabariam com uma vasta quantidade de matas, pastagem para o gado, lagoas e peixes e muitos moradores deveriam deixar seu habitat natural. Contam os mais antigos que saíam 4:00 horas, da madrugada para pescar nas lagoas que ficam próximas da praia, e lá para as 6:00 horas da manhã, era que eles se aproximavam das primeiras dunas. O horário de saída e de chegada, nos dão uma noção de distância em relação a essas dunas. Estas pessoas que acompanhavam essa evolução também relatam que há culpados na história, pois o próprio homem desmatou para tirar madeira de carnaúba, madeira para lenha, para construir casas e para a produção de carvão. Tudo isso possibilitou o agressivo avanço das dunas.²⁶

²⁵ João Evangelista da Silva Filho. Memórias: Dunas. P.63. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

²⁶ Francisco das Chagas Araújo Coutinho Memória: Primeiras dunas. P.38. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. 2 edição. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2014.

Em seu texto, Francisco Coutinho, estudante e morador do bairro, relata as conversas que os moradores antigos do lugar tinham entre si sobre as dunas, a distância delas para o Tatus, como também as previsões de uma possível invasão do Morro Branco devastando o lugar.

Sobre o desmatamento, considerado uma consequência irreversível que fora provocada pela ação do homem, que de alguma maneira, segundo as fontes, protegeria e impediria o avanço das dunas mais rapidamente para a comunidade. João Batista um dos nossos colaboradores também diz:

O morro branco era distante daqui, tinha uma mata fechada pra chegar lá, a gente caminhava como daqui nos Morros da Mariana. [...] Diz o pessoal mais velho que essa areia veio assim pelo vento. As dunas acharam um limpo aí começaram a descer e elas estão desse jeito e por causa das pessoas que cortaram o cajueiral pra fazer carvão. Aí onde cortou o morro vinha ligeiro! Aí ficam querendo saber por que o morro tá andando? E por que cortaram os pés de árvore, limparam! Só pra ver no alto do urubu ninguém cortou lá, onde tem mato o morro desviou, por que não cortaram. [...] Agora nós estamos vivendo aqui na terra, por que foram cortar o mato.²⁷

Mais uma vez, o desmatamento é apontado como o principal responsável pelo avanço rápido das dunas, sobre os Tatus e o Cal, os dois bairros da Ilha Grande mais atingidos, colocando em risco as residências dos moradores, estes se veem obrigados a deixar seu lugar e também a grande riqueza da região do rio próximo ao local, que vai ficando cada vez mais assoreado e com muitos bancos de areia. Porém, outros fatores naturais, como a ação dos ventos fortes e a escassez das chuvas, como também a falta de iniciativa por parte dos governantes, contribuem para o agravamento do problema.

Segundo Carlos Antônio Barros, presidente da Associação de Moradores dos Bairros Cal e Tatus, que foi fundada em maio no ano de 2006, onde pessoas do povoado se reuniram com representantes da igreja, de associações de outros bairros da Ilha, políticos e organizaram uma assembleia, a qual fundaram a Associação dos bairros Cal e Tatus, registrada em cartório, isso com o objetivo de juntamente com a população, pedir a ajuda dos políticos para tentar conter as dunas do Morro Branco, que ameaça soterrar as localidades, principalmente o Tatus, mas não conseguiram muito êxito.

²⁷ João Batista José dos Santos. Aposentado e pescador 67 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 25 de Maio de 2014.

No entanto, houve a iniciativa dos moradores em mutirão, realizaram o plantio de plantas rasteiras por cima dos morros, colocando também palhas de palmeiras, que foram espalhadas no intuito de conterem a areia. Isso não surtiu efeito e as dunas continuaram avançando, e a população tenta lidar com a areia, jogada pelo vento em suas casas, todos os dias, principalmente na época do verão com os ventos fortes e sem as chuvas.

Sobre o Morro Branco, Santos da Conceição, estudante e morador da comunidade, faz uso da memória de sua avó e da mãe, bem como das suas vivências no cotidiano da localidade.

Antigamente, mais ou menos no ano de 1979 quando minha avó chegou aos Tatus, às dunas eram muito longe mais ou menos três horas de caminhada até elas. Há vinte anos atrás minha mãe conta que meus tios iam para o morro branco descer de capemba²⁸, eles iam com alguns amigos, mas tinha alguns que desistiam, por que era muito longe e eles ficavam muito cansados pela distância. Hoje a gente não leva nem três minutos para chegar até as dunas, naquele tempo levava três horas. Além de várias pessoas que iam buscar caju e passear. Hoje a coisa mais difícil é encontrar alguém em cima das dunas, por que há muita violência, já mataram uma pessoa e a população fica com medo de pessoas com más intenções, por isso que poucas pessoas vão até as dunas. Talvez os Tatus deixará de existir por causa das dunas.²⁹

O relato mostra a transformação que foi acontecendo ao longo do tempo, em relação as dunas, atualmente está bem próximo dos moradores.

Essas dunas ficavam distantes da comunidade e para se chegar até elas, tinha que ter disposição para realizar a caminhada, a população costumava se deslocar para lá, na época das chuvas, quando se formavam as lagoas e a areia ficava boa para andar, nas férias de janeiro.

Atualmente não precisa mais caminhar tanto para chegar ao Morro Branco, todo esse amontoado de areia está bem perto e durante o verão, com os ventos fortes vai se aproximando cada vez mais, jogando muita areia nas residências, alguns dos que moram nas proximidades, não resistem a essa situação e quando conseguem uma moradia em outra localidade se mudam, antes que a casa seja soterrada. Por isso os moradores ficam preocupados e com receio, que um dia o bairro Tatus possa ser completamente soterrado pelos morros de areia.

²⁸ Uma espécie de prancha feita em madeira que com a ajuda de parafina de vela passada na parte lisa do objeto desliza sobre a areia, servindo para descer dos morros com a pessoa sentada encima da mesma.

²⁹ Marcos Vinicius Santos da Conceição. Memória: As dunas. P.86. Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Organizador prof. Valdecir Ricardo da Silva. Parnaíba. 2010.

3.2 Um projeto para a contenção das dunas

As primeiras tentativas de contenção das dunas, já citadas no decorrer desta pesquisa, não obtiverem êxito, mas segundo o presidente da associação dos moradores dos bairros Cal e Tatus, Carlos Antônio Barros, já faz mais de 8 anos que ele juntamente com outros membros da Associação, buscam soluções para o avanço das dunas, reivindicando que algo seja feito. “O secretário de Meio Ambiente fez um projeto no ano de 2006, lá em Teresina. Aí todo ano a gente viaja pra Teresina, atrás da realização desse projeto³⁰” (SANTOS, 2014)

Depois de um período, no segundo semestre do ano de 2012, o governo do estado, por meio da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMAR), assinou o Projeto Executivo para a Contenção das Dunas no município de Ilha Grande-PI.



Figura 09: Placa do Projeto de Contenção das dunas, instalada no bairro.
Fonte: Comissaoilhaativa.org.br

A imagem mostra a placa do Projeto de Contenção das Dunas em Ilha Grande do Piauí, colocada no bairro Tatus, área mais ameaçada de ser invadida, na mesma estão os órgãos responsáveis pela iniciativa e o valor estimado para a realização da primeira etapa. De

³⁰ Carlos Antônio Barros dos Santos. Atualmente presidente da Associação de Moradores do bairro Tatus, 34 anos. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, no dia 27 de setembro de 2014.

acordo com o projeto que já foi exposto para a população do bairro, o mesmo teria quatro etapas.

O projeto foi feito pela Secretaria de Meio Ambiente e lançado em 2013, sendo apresentado na Câmara de Vereadores do município e em seguida para os moradores do bairro, em uma reunião que foi realizada à noite na praça São Pedro. Muitas pessoas compareceram.

A conversa sobre o assunto foi realizada, pela representante da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMAR), que comentou sobre a importância do projeto para os moradores do bairro, destacando ainda o envolvimento direto da comunidade local, com a geração de empregos e o apoio na plantação de mudas sobre as dunas. A mesma comentou que o trabalho para contenção, se daria na fixação das dunas por meio de mantas trançadas com fio vegetal (casca de coco) e em seguida, por cima, o plantio de mudas de plantas nativas da região desenvolvidas em viveiros.³¹

O projeto consiste na divisão de toda a área das dunas em quatro partes, onde nos primeiros 24 meses, ou seja, num período de 2 anos, seria aplicado na área localizada às margens do rio Parnaíba, conhecida como “Caída do Morro”, enquanto as demais, incluindo os bairros Tatus e Cal, os mais ameaçados, continuariam esperando por recursos para dar continuidade ao restante do projeto.

A primeira das quatro etapas já foi feita, e espera-se um resultado positivo para que o rio não seja soterrado. No entanto, ainda ficou faltando as outras áreas, onde se localizam as residências, local bastante ameaçado, que ainda está à espera de recursos financeiros para poderem ser concluídos no projeto, como alega os gestores, mais uma vez a comunidade espera por uma possível ajuda, para conter as dunas que a cada dia vai avançando e soterrando o bairro.

³¹ Para a realização do projeto o financiamento foi obtido pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF). No valor de R\$ 2. 149. 907.00, por meio do Programa de Revitalização da Bacia do Parnaíba, com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC2, do Governo Federal. Sendo a empresa CONSPLAN de Teresina, que teve a supervisão da SEMAR e representantes da comunidade.



Figura 10: Manifesto para continuação das demais etapas do Projeto de Contenção das Dunas.
Fonte: Edilmar, 2014.

A imagem acima mostra o segundo manifesto realizado pela população do local, no dia 15 de novembro de 2014, adultos, jovens e crianças, reivindicam a continuação das demais etapas do projeto de contenção das dunas, que beneficiaria de maneira direta, moradores que sofrem a perda de suas residências. Na ocasião, foi interditada a rua de acesso ao bairro e, conseqüentemente, ao Porto dos Tatus, bloqueando a entrada de todos, inclusive dos turistas, que tinham como destino o Delta do Rio Parnaíba, no intuito de chamar a atenção das autoridades e órgãos do Estado, afinal o problema das dunas não afeta somente os bairros Tatus e Cal, mas toda a Ilha Grande.

No bairro Tatus fica situado o rio mais propício a navegação da região, que beneficia a muitos ilhagrandenses de forma direta, como também os que não moram nessa localidade, e que continuam dependendo diretamente de seus recursos.

Embora o bairro tenha tido um tímido crescimento, as mudanças são visíveis pelos moradores, que continuam sofrendo com o deslocamento constante das dunas móveis do Morro Branco, tendo que conviver diariamente, dormindo e acordando com essa areia que aos poucos está soterrando as residências e os espaços de memórias.

CONCLUSÃO

A pesquisa apresentada buscou alguns dos aspectos da história do bairro Tatus, no sentido de perceber as mudanças que foram significativas para os moradores de uma comunidade que resistem igualmente com vários tipos de problemas, e o principal deles e de caráter ambiental, são as dunas móveis, mas também junto a isso, existem outros problemas de caráter político e cultural.

Os sujeitos envolvidos no trabalho se tornaram muito importantes para o desenvolvimento do estudo realizado, através de suas narrativas e experiências de convívio com o lugar, abriram a possibilidade de se entender como o bairro se consolidou, enquanto um espaço de necessidades e sociabilidades.

Por meio de relatos orais, percebemos que os moradores sentem falta do bairro em seus tempos de tranquilidade. Desse modo, as mudanças e transformações trouxeram problemas para além dos benefícios, pois nas narrativas, alguns moradores mostraram certo desconforto em relação a essas mudanças.

Pôde-se perceber que a mais importante e significativa das mudanças, foi a ampliação da estrada até as dependências do bairro Tatus, abrindo um leque de possibilidades, principalmente, no que diz respeito ao transporte de pessoas e mercadorias. No entanto, muitos moradores continuaram andando a pé até determinados destinos, como a Morros da Mariana ou até mesmo Parnaíba, muitas vezes por não ter condições financeiras para a passagem, só que com um caminho aberto sem a vegetação, mudou também a sua paisagem natural, dando um outro significado aquele lugar cujo acesso era em meio a mata fechada.

Observou-se que esses residentes do bairro tinham uma vida tranquila, no entanto, muito sofrida, baseada em trabalho pesado, em meio a famílias numerosas, dispondo de poucos recursos, estes tendo que ser retirado da natureza, pois eram um dos mais abundantes, e disponível para realizar o sustento familiar. A maioria das famílias que escolheram o bairro para construir suas moradias, o fizeram por necessidade, devido o lugar oferecer melhores condições de vida, pois sempre buscaram a sobrevivência através do trabalho relacionado com os ambientes mais propícios; porém, continuava o desejo por uma vida mais confortável a medida que o bairro crescia.

Todos os moradores tinham seu papel social, no que diz respeito ao trabalho, tanto os homens como as mulheres, em alguns casos os dois juntos realizavam a mesma tarefa na roça e na pesca, o homem tinha de manter o sustento da casa e a esposa tinha uma jornada de

trabalho duplo, pois além de ajudar o marido em suas atividades, elas trabalhavam nos afazeres domésticos; os filhos também tinham suas ocupações, desde muito cedo acompanhavam seus pais nos trabalhos realizados, devido a falta de recursos, os filhos se viam obrigados a ajudar suas famílias e também pelas condições difíceis de acesso à escola.

Porém aos poucos, com o passar do tempo essas realidades foram mudando, algumas mulheres abandonaram a roça e começaram a trabalhar como domésticas em casas de famílias, principalmente em Parnaíba, com a implantação do turismo, os jovens, foram trabalhar nessa área, o acesso a escola foi ampliado e muitos abandonaram as atividades de pesca e roça, pois os pais queriam que seus filhos frequentassem a escola, para terem uma vida com mais oportunidades, diferente da que eles tiveram. No entanto, a pesca e o trabalho na roça ainda continuam, só que com menos pessoas e em sua maioria adultos, pais de família e idosos.

E aos poucos aquela imagem de pobreza e de pessoas com dificuldades, foi se remodelando, sendo desconstruída, se transformando em um lugar gerador de renda, com grande potencial econômico, proporcionando uma motivação na população residente, com a melhoria da parte financeira.

Outro aspecto verificado no percurso da pesquisa, foi a maneira como os moradores se utilizaram de manifestos para tentar mostrar a situação do bairro, as reivindicações realizadas para tentar chamar a atenção dos políticos e buscar apoio para conter o amontoado de areia.

Assim, esse breve estudo, possibilitou o acesso ao conhecimento em relação a alguns aspectos sobre a história do bairro Tatus em Ilha Grande, a realização da pesquisa contribuiu para a compreensão de um espaço com potencial histórico de vidas. Essas memórias e experiências ajudam a compreender melhor a cidade e suas contradições e vivências.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

ANDRADE, Maicon Lincon dos Santos. In: SILVA, Valdecir Ricardo da. [org.]. **Escrevendo sobre o lugar onde vivo**. Parnaíba, 2010.

ATIVA, Comissão Ilha. **Socio Bio Diversidade da Ilha Grande de Santa Isabel**. Ilha Grande, 2012.

BARROS, Jose D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:vozes, 2009.

BITTENCOURT, Isabele Maria Monteiro. In: SILVA, Valdecir Ricardo da. [org.]. **Escrevendo sobre o lugar onde vivo**. Parnaíba. 2010.

BRESCIANNI, Maria Stella. "História e historiografia das cidades: um percurso". In Fretas, Marcos Cezar. (org). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo, contexto, 2005.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistas: In: **O direito a memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1991.

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Setembro, 2004. Disponível em < [http:// www. Ces.uc.pt/ lab 2004/pdfs/ helena callai. Pdf](http://www.Ces.uc.pt/lab2004/pdfs/helena.callai.Pdf)>. Acesso em 30 de agosto de 2014.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAMPOS, Humberto de. **Memórias e memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CHAGAS, Francisco. In: SILVA, Valdecir da [org.]. **Escrevendo sobre o lugar onde vivo**. Parnaíba, 2010.

CONCEIÇÃO. Marcos Vinicius Santos da. In: SILVA, Valdecir da. [org.] **Escrevendo sobre o lugar onde vivo**. Parnaíba, 2010.

CORNÉLIO, Yonária Oliveira. **A cidade e a cidade: o bairro Piauí a partir de 1980**. Monografia de História. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí, 2010.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo , Identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa.** Estudos Avançados, vol. 4, n. 8, p. 177-197. Rio de Janeiro, 1991.

FILHO, José Osmar da Silva. **Emancipação política do município de Ilha Grande- PI: No contexto da redemocratização do Brasil a partir da constituição de 1988.** Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí, 2014.

_____. **Histórico de Ilha Grande.** Ilha Grande do Piauí, 2002.

GALENO, Luciano Silva. **Ecoturismo possibilidades de desenvolvimento na Comunidade dos Tatus Município de Ilha Grande – PI.** Monografia de Turismo. Parnaíba : Universidade Federal do Piauí. 2014.

GONÇALVES, Karina Silva. In: SILVA, Valdeci da.[org.]. **Escrevendo sobre o lugar onde vivo. Parnaíba,** 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População Estimada de Ilha Grande, 2013. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> junho de 2014.

MAVIGNIER, Diderot dos Santos; MOREIRA, Aldenora Mendes. **Conhecendo História e Geografia do Piauí. Piauí:** Ferraz. Parnaíba, 2007.

NOGUEIRA, André Aguiar. **“Fogo, vento, terra e mar: Migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)”.** Dissertação de Mestrado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **O bairro de Jaguaribe na Memória dos seus moradores idosos.** Dissertação de Mestrado em História e Cultura Histórica da Universidade Federal da Paraíba, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. **Correndo na Vela: experiências e modos de vida de trabalhadores do Delta do Parnaíba (1975-2014).** Monografia de História. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí, 2014.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teórica da história ambiental.** Estudos Avançados, v. 24 n. 68, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias.** Revista brasileira de História, v. 27, n 53, 2007.

_____, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, vol. 5. N. 10 p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Projeto História, São Paulo, (15), abr. 1997.

RAMINELLI, Ronaldo, **História Urbana**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Solimar Genuina dos. **Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Pobres e Senhora do Piauí: Origem e devoção**, 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História das Paisagens**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

SILVA, Guilherme dos Santos. In: SILVA, Valdecir Ricardo da . [org]. **Escrevendo sobre o lugar onde vivo**. Parnaíba, 2010.

THOMPSON, Edward Paul. **Costumes em Comum**: São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes Escritas

Ata de reunião

Ata de reunião da fundação da Associação dos Moradores dos bairros Cal e Tatus, no dia 27 de maio de 2006, na Escola Municipal Dom Paulo no bairro Tatus.

Documento

Documento do Grupo de realizações dos padres italianos da Associação de Jesus Crucificado em Guarulhos, Mongi das Cruzes, Parnaíba e Ilha Grande. 1975 a 1996.

Jornal

Jornal Cidadania Em Movimento. Povo se manifesta pela continuidade de Contenção das Dunas. editorial. Ilha Grande do Piauí, Edimar. Dezembro de 2014.

Sites Consultados:

BLOG DO PESSOA. Disponível em: <<http://www.blogdopessoa.com.br>> Acesso em 19 de nov. de 2014.

CAJUÍNA FILMES. Documentário **Onda Branca**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ifp7A7vod4>>. Acesso em 03 de jul. de 2014.

COMISSÃO ILHA ATIVA. Disponível em: <<http://www.comissaoilhaativa.org.br>> Acesso em 19 de nov. de 2014.

PORTAL TATUS PIAUÍ. Disponível em: <<http://www.facebook.com.com/portotatuspiaui>> Acesso em 12 de nov. de 2014.

SEMAR. Disponível em: <<http://www.semar.pi.gov.br>. > Acesso em 28 de dez. de 2014.

Fontes Orais

1. GOMES, João Batista Costa. Funcionário público do Estado do Piauí, vigilante, 59 anos, morador dos Morros da Mariana desde o nascimento. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 30 setembro de 2014 (Ilha Grande – Piauí).
2. GOMES, Lucia Maria Bittencourt. Aposentada e marisqueira 59 anos. Nascida na Ilha do Igoronho – MA, veio morar no bairro Tatus com um ano de idade com sua família. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, na casa da colaboradora no dia 22 de junho de 2014 (Ilha Grande – Piauí).
3. SANTOS, Carlos Antônio dos. Presidente de Associação dos Moradores do bairro Tatus, 34 anos. Nascido em Parnaíba, morador do bairro desde de criança. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, na casa do colaborador no dia 27 de setembro de 2014 (Ilha Grande – Piauí).
4. SANTOS, Gerôlima Pereira dos. Aposentada, 76 anos, moradora na localidade desde a adolescência. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, na casa da colaboradora no dia 26 de setembro de 2014 (Ilha Grande – Piauí).
5. SANTOS, João Batista José dos. Aposentado e pescador, 68 anos. Mora na localidade desde os 5 anos de idade. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes, na casa do colaborador no dia 25 de maio de 2014 (Ilha Grande – Piauí).

Leis e decretos consultados

Decreto de criação da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. **Decreto de 28 de Agosto de 1996.** Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn4368.htm>> Acesso em 07 de Dezembro de 2015.

Decreto da criação da Reserva Extrativista Marinha Delta do Parnaíba. **Decreto de 16 de Novembro de 2000.** Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/dnn/Dnn9084.htm>> Acesso em 07 de Dezembro de 2015.

ANEXOS